

A LIAHONA

ABRIL DE 1988



A LIAHONA

Abril de 1988 Volume 41 n.º 4
PBMA8804PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Ronald L. Knighton

International Magazines:

Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Editor Assistente: Ann Laemmlen

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:

Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: "A Ascensão", quadro de Harry Anderson. Vide a Mensagem da Primeira Presidência neste número.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cz\$ 265,00; para Portugal - Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 - 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cz\$ 25,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Foto Composição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fitolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordanópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Published monthly by the Corporation of the President of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America. Subscription information telephone number 801-531-2947.

POSTMASTER: Send form 3579 to A Liahona at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America.

ÍNDICE

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:

SEI QUE O MEU REDENTOR VIVE Presidente Thomas S. Monson

7 O HOMEM QUE PERDEU QUASE TUDO Aileen Knighton

9 SERVIÇO DE SOLIDARIEDADE Thelma Williams

10 REFLEXÕES SOBRE O PODER SANADOR DA EXPIAÇÃO Edwin W. Aldous

13 MEU PRECIOSO COMPANHEIRO: O LIVRO DE MÓRMON Kyoko Karita

15 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:

"A CARIDADE NÃO SE PORTA COM INDECÊNCIA"

16 BUSCAR O ESPÍRITO NO CASAMENTO Terrence D. Olson

20 ORAÇÃO NO ALOJAMENTO 1019 Jon B. Fish

23 RICHARD COWAN: HOMEM DE VISÃO INCOMUM Cynthia Gardner

25 OS PÉS DE LILÁS Geri Walton

26 CRESCIMENTO DOLOROSO

29 PERGUNTAS E RESPOSTAS Fósseis e a História da Terra Morris S. Peterson

Os Santos dos Últimos Dias e as Religiões Não-cristãs R. Lanier Britsch

33 BÊNÇÃOS PATRIARCAIS

41 QUANDO FALHA O CORAÇÃO DOS HOMENS Élder Royden G. Derrick

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

36 "A QUEM DEVEREI TEMER?" Kathleen Lubeck

38 A PROMESSA Élder Devere Harris

44 O BALDE D'ÁGUA Sue Draper

46 REPÚBLICA DE FÉ Lisa A. Johnson

SEÇÃO INFANTIL

2 MEU IRMÃO HANS Ann S. Bushman

4 VOCÊ É ETERNO Jean McMullin

5 A FUGA DO POVO DE LÍMHI

6 JENNETTE EVANS MCKAY

Susan Arrington Madsen

8 PÁGINA PARA COLORIR



SEI
QUE O
MEU
REDENTOR
VIVE



モルモンの経

経



松内愛子



MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

PRESIDENTE THOMAS S. MONSON .

SEGUNDO CONSELHEIRO NA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

A primavera voltou à comunidade de Franklin, Idaho. Pode-se ouvir o delicioso chilrear dos passarinhos e contemplar a beleza das primeiras flores. Parece que, da noite para o dia, a grama queimada pelo inverno se torna vivamente verde. Logo os arados revolverão a terra, sementes serão plantadas, e terá início um novo ciclo de vida. Perto das colinas, um pouco distanciado do burburinho da cidade, encontra-se o cemitério.

Foi ali que, numa certa primavera, cavou-se uma nova sepultura — não muito grande — e um pequenino caixão foi entregue à mãe terra. Três linhas aparecem na bonita lápide:

MICHAEL PAUL SHUMWAY

Nascido: 24 de outubro de 1965

Falecido: 14 de março de 1966

Gostaria de apresentar-vos a família Shumway. São meus vizinhos aqui na Cidade do Lago Salgado, Utah. Mark e Wilma Shumway, assim como todos os seus filhos, sempre nos cumprimentam com um sorriso simpático e um aceno de mão. Eles tornam a vizinhança alegre. São boas pessoas.

Podeis imaginar a felicidade da família, quando, no dia 24 de outubro, nasceu o pequeno Michael? O pai sentiu-se orgulhoso, os irmãos e irmãs ficaram entusiasmados, a mãe humilde, ao receberem esse novo botão da humanidade, esse recém-nascido que acabara de chegar do lar do próprio Deus, para crescer na terra. Os meses seguintes foram de felicidade.

Então chegou aquela fatídica noite de março, quando o pequeno Michael foi chamado para seu lar celestial, e o sopro da vida se apagou. Mark e Wilma ficaram acobalhados com a perda de seu precioso filho. Mas, embora sua dor fosse intensamente pessoal, a experiência de perder um ente querido pela morte é comum a toda a humanidade, pois quem não perdeu pai, mãe, irmã, irmão, um filho ou filha?

Toda pessoa consciente já fez a si mesma esta pergunta, tão bem expressa por Jó, na antiguidade: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14.) Por mais que tentemos afastar a pergunta de nosso pensamento, ela sempre retorna. A morte atinge toda a humanidade. Golpeia os idosos, de andar já trôpego. Seu chamado é ouvido por muitos que mal venceram metade da jornada da vida, e, com frequência, detém o riso de crianças.

Embora seja inevitável, a morte pode ser melhor compreendida, quando aprendemos a respeito da vida



— da vida eterna.

A vida na terra não marca o início de nossa existência. Diz o poeta William Wordsworth:

*Nosso nascimento é como o sono e o esquecimento.
A alma que nasce conosco, a Estrela da vida
Teve outro lugar como habitação
E veio de longe.
Não em completo esquecimento,
Nem em total nudez,
Mas, seguindo nuvens de glória, viemos
De Deus, que é o nosso lar:
O céu nos rodeia na infância.*

Na sabedoria de Deus, foi criada uma terra onde os homens pudessem morar. Gênesis registra o fato de que a terra era sem forma e vazia, e que a escuridão pairava sobre a face do abismo. Então disse Deus: “Haja luz”, e houve luz; “Haja uma expansão no meio das águas”, (N.T. Em inglês: Haja um firmamento) e houve um firmamento; “Produza a terra erva verde”, e a terra produziu erva verde. Ele fez as aves do ar, as criaturas da água, os animais da terra. (Vide Gênesis 1.)

E então Deus criou o homem à sua própria imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E deu-lhe domínio sobre todas as coisas viventes. A terra tornou-se um lugar para sermos provados, um local onde adquirimos a necessária experiência.

Nós rimos, choramos, trabalhamos, brincamos, amamos, vivemos. E depois morremos. E mortos continuaríamos, não fosse por um homem e sua missão: Jesus de Nazaré. Nascido num estábulo, colocado numa manjedoura, seu nascimento cumpriu as profecias inspiradas de muitos profetas. Ele foi ensinado por Deus. Forneceu-nos a vida, a luz e o caminho. Multidões o seguiram. As crianças o adoraram. Os orgulhosos o rejeitaram. Ele usou parábolas e ensinou pelo exemplo. Viveu uma vida perfeita. Através de seu ministério, cegos enxergaram, surdos ouviram, aleijados andaram. Até mesmo mortos retornaram à vida.

Embora viesse como o Rei dos reis e o Senhor dos senhores, foi recebido como um inimigo ou traidor.

Houve uma encenação fraudulenta que alguns chamaram de julgamento. Gritos de “crucifica-o, crucifica-o” encheram o ar da noite. (João 19:6.) E teve início a caminhada até o Calvário.

Ele foi ridicularizado, injuriado e escarnecido, pregado a uma cruz entre gritos de “Ó Cristo, o Rei d’Israel, desça agora da cruz, para que o vejamos e acreditemos” (Marcos 15:32); “Salvou os outros, e a si mesmo não pode salvar-se” (Mateus 27:42); “Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo” (Lucas 23:39). Sua resposta: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” (Lucas 23:34.)

Ele morreu. Amigos e parentes colocaram amorosamente seu corpo numa sepultura na rocha.

No primeiro dia da semana, de manhã bem cedo, Maria Madalena e a outra Maria foram até o sepulcro. Para surpresa delas, o corpo do seu Senhor desaparecera. Lucas registra que dois homens com roupas resplandecentes apareceram-lhes e disseram: “Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou...” (Lucas 24:1, 5-6.) A pergunta de Jó: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” acabava de ser respondida.

As sagradas escrituras registram os eventos que seguiram sua ascensão. Estêvão, condenado à morte cruel de um mártir, olhou para o céu e exclamou: “Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé, à mão direita de Deus.” (Atos 7:56.) Saulo, na estrada de Damasco, teve uma visão do Cristo ressurreto, exaltado. Pedro e João também testificaram do Cristo ressurreto.

Quem não se sentiria inspirado pelo tocante testemunho de Paulo aos santos de Corinto? Disse ele:

“...Cristo morreu por nossos pecados, segundo as escrituras;

E... foi sepultado, e... ressuscitou ao terceiro dia, segundo as escrituras;

E... foi visto por Cefas, e depois pelos doze; Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte...

Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos...

...me apareceu também a mim.” (I Coríntios 15:3-8.)

Deus, o Pai Eterno, falou às multidões no continente americano, dizendo:
“Eis aqui meu filho bem amado, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome; a ele deveis ouvir.

...E ao entenderem, elevaram outra vez seus olhares ao céu; e eis que viram um homem que descia...

...E aconteceu que ele estendeu sua mão e assim falou ao povo:

Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas.

...sou a luz e a vida do mundo; bebi da taça amarga que o Pai me deu e o glorifiquei, tomando sobre mim os pecados do mundo...

Levantai-vos e vinde a mim, para que possais meter vossas mãos no meu lado e também tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, a fim de que possais saber que eu sou o Deus de Israel, e o Deus de toda a terra, e que fui morto pelos pecados do mundo...

E depois de se terem todos aproximado e testemunhado pessoalmente, clamaram a uma só voz, dizendo:

Hosana! Bendito seja o nome do Deus Altíssimo! E, lançando-se aos pés de Jesus, adoraram-no.” (3 Néfi 11:7-11, 14, 16-17.)

Esse Deus amoroso que apresentou seu Filho crucificado e ressuscitado, não era um Deus sem corpo, partes ou paixões — o Deus de uma filosofia criada pelos homens. Pelo contrário, Deus, nosso Pai, tem ouvidos para ouvir nossas orações. Tem olhos para ver nossos atos; uma boca com a qual nos fala. Tem um coração com o qual sente compaixão e amor. Ele é real. Ele é vivo. Somos seus filhos, feitos à sua imagem. Nós nos parecemos com ele e ele se parece conosco. Esse é o Deus que amou o mundo de tal maneira, que deu seu Filho Unigênito para que pudéssemos ter vida eterna.

A ti, Wilma, e a ti, Mark Shumway, e a todos os que

perderam uma pessoa amada, ele dá a coragem de dizer: “...o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor.” (Jó 1:21.) Que vossos corações ardam com o conhecimento de que as cadeias da morte foram rompidas e que vossos familiares, embora no momento separados pela morte, um dia serão reunidos para compartilhar as bênçãos da vida eterna.

Com todo meu coração e força de minha alma, eu testifico como testemunha especial, que Deus vive. Jesus é seu Filho, o Unigênito do Pai na carne. Ele é nosso Redentor; ele é nosso mediador junto ao Pai. Foi ele quem morreu na cruz para expiar nossos pecados. Ele tornou-se as primícias da ressurreição. Oh, que alegria traz esta sentença: “Sei que o meu Redentor vive!” □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES
Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez os queira ressaltar em sua mensagem de mestra familiar:

1. Podemos compreender melhor a morte, quando aprendemos a respeito da vida eterna.
2. Jesus Cristo é nosso Redentor. Ele morreu na cruz para expiar nossos pecados.
3. Por causa da ressurreição de Jesus Cristo, nos reunimos com nossos entes queridos que morreram.

Auxílios para o Debate

1. Que evidências temos da ressurreição de Jesus Cristo?
2. A Páscoa que comemoramos este mês celebra a crucificação e ressurreição de Jesus Cristo. Quais são algumas formas apropriadas de comemorarmos a Páscoa? O debate poderá incluir:
 - a. Leitura do relato escriturístico da crucificação e ressurreição.
 - b. Visita ao túmulo de pessoas queridas que faleceram.
 - c. Realização de noites familiares especiais com debates e testemunho.

O HOMEM QUE PERDEU QUASE TUDO

Fiquei curiosa a respeito desse homem que não tinha família, emprego, nem casa.

Aileen Knighton

Conheci Frank, um homem calado, de meia-idade, no hospital da Cidade do Lago Salgado onde eu trabalhava como enfermeira. Ele fora internado para a realização de alguns exames, devido a má circulação da perna esquerda. Após vários dias de exames, a circulação piorou. Os médicos decidiram que a perna de Frank precisaria ser amputada abaixo do joelho, e a operação foi realizada.

Passaram-se dias e observei que Frank não recebera visitas no meu horário de trabalho nem houvera telefonemas ou cartas de amigos ou familiares.

Curiosa a respeito desse homem que parecia tão solitário, li sua ficha hospitalar. Não havia endereço de casa na ficha de internamento. Era um andarilho, que viajava pelo país sem um lar permanente. Dera o nome de uma irmã no Texas, como parente mais próximo.

Nenhuma das outras enfermeiras sabia mais sobre Frank do que eu, e um dia fui conversar com ele.

Estava deitado, quieto como de costume, com o cabelo despenteado. Fazia caretas de dor, procurando encontrar uma posição confortável.

— Posso ajudá-lo? — perguntei.

— Bem, você poderia colocar aquele travesseiro debaixo da



minha perna, bem aqui — disse ele, apontando para a coxa. — Não consigo encontrar uma posição

confortável. Costuma doer tanto? Não é hora de outra injeção contra a dor?

— Sinto muito — respondi.

— É muito cedo para outra injeção. Vou dar-lhe um copo d'água. Apanhando a jarra, enchi o copo. — O senhor é

desta redondeza?

— perguntei.

— Não.

Quando meu último trabalho em Nevada, Salgado, à

terminei procurei de emprego. Estava a caminho de Montana.

— Ah, tem família lá?

— Não, não tenho família.

— As palavras pareceram ecoar no quarto. — Perdi minha família.

Olhou-me novamente, enquanto a dor o fazia segurar o pouco de perna que lhe restava.

Coloquei a mão em seu ombro e fiquei ao

lado dele até parecer que a dor havia passado.

— Foi num desastre de carro — explicou. — Minha esposa e cinco filhos — mortos.

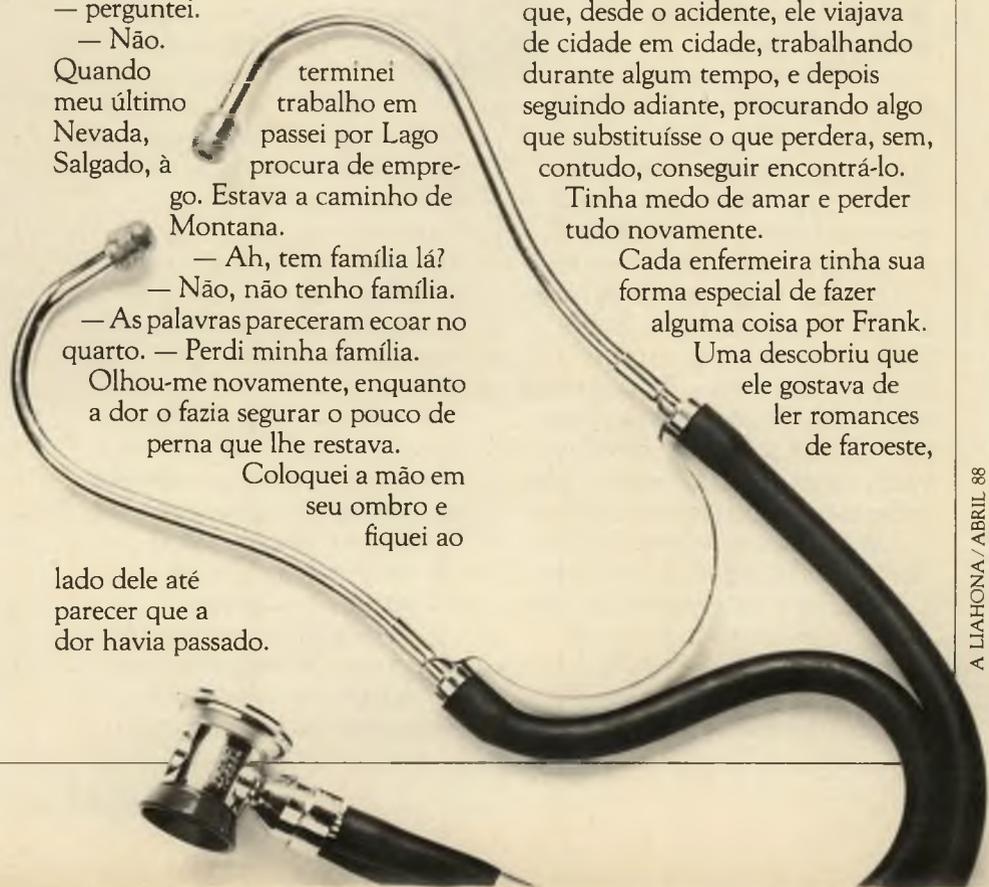
Mais tarde, sentada na sala das enfermeiras, tentei imaginar a perda que aquele homem estava sentindo — sua família, e agora a perna. E encontrava-se numa cidade estranha, sem amigos ou familiares que o ajudassem a enfrentar a experiência.

Contei a história de Frank às outras enfermeiras. Decidimos que nos transformaríamos em suas amigas e família. Ficamos sabendo que, desde o acidente, ele viajava de cidade em cidade, trabalhando durante algum tempo, e depois seguindo adiante, procurando algo que substituísse o que perdera, sem, contudo, conseguir encontrá-lo.

Tinha medo de amar e perder tudo novamente.

Cada enfermeira tinha sua forma especial de fazer alguma coisa por Frank.

Uma descobriu que ele gostava de ler romances de faroeste,



Cada enfermeira fazia algo especial para Frank. Uma sempre cuidava para que ele tivesse material suficiente para ler. Outra sempre trazia flores de seu próprio jardim e as colocava perto da cama dele.



e providenciou que sempre houvesse um à sua cabeceira. Outra lhe levava flores de seu jardim. Outra, ainda, seus doces prediletos.

A família de um paciente que ficava ao lado de Frank também se envolveu. Levaram-lhe uma coisa que me tocou muito. Deram-lhe uma fotografia da família. Ele tinha muito orgulho da fotografia, que nunca saía do seu campo de visão.

Ele disse: "Como não tenho mais minha própria família, os Parker desejam que eu me sinta como parte da família deles. Isso me torna muito feliz. Gosto muito de olhar para as crianças." Então mostrava cada criança, dizendo o nome delas como se fossem seus próprios filhos.

Logo se tornou evidente que a dor intensa na perna de Frank era causada por uma complicação. Para corrigir o problema precisaria de outra operação, o que significava nova amputação acima do joelho. Foi um golpe terrível para Frank.

Ele não falava mais conosco, a não ser para pedir outra injeção analgésica.

Na noite anterior à operação, Frank escorregou para o chão de seu quarto e arrastou-se até a janela. Abriu o trinco da janela, no terceiro andar, com a firme intenção de pular e terminar aquele sofrimento. Terminar com a dor, com a depressão, com a mágoa interior. Terminar com a solidão. Mas não conseguiu abrir a janela. Caindo no chão, em desespero e agonia, Frank se pôs a chorar.

A cirurgia correu conforme o planejado. Desta vez, a parte restante cicatrizou normalmente, e as dores não foram tão intensas! Todos nós ficamos aliviados, quando vimos que Frank finalmente se recuperava.

A família Parker entrou em contato com os missionários, e Frank foi muito receptivo à mensagem. Então, essa família

maravilhosa levou-o para sua casa, quando ele teve alta. Logo que sua perna sarou, ele foi batizado. Agora tem uma nova atitude em relação à vida, e o desejo de recomeçar. Frank tem grande desejo de ser selado à esposa e aos filhos.

Eu também aprendi uma importante lição com essa experiência. Quando pensara no que poderia fazer por Frank, veio-me à idéia dar-lhe um exemplar do Livro de Mórmon. Na verdade, até levava o livro ao hospital, mas o deixara no armário. Mais tarde, senti-me envergonhada ao contar a Frank sobre o livro que nunca lhe dera.

Ele se divertiu com minha história, mas, apontando-me o dedo, disse-me que jamais deveria ignorar esses influxos do Espírito.

Espero nunca mais fazê-lo. □

Aileen Knighton é secretária da Primária da Ala Doze Farmington (Utah).

SERVIÇO DE SOLIDARIEDADE

Thelma Williams

INESPERADAMENTE, MEU MARIDO TEVE UM DERRAME E TIVE DE CUIDAR DELE VINTE E QUATRO HORAS POR DIA.

As vezes, na Igreja, pensamos que só nossas queridas irmãs se oferecem e prestam serviços de solidariedade. Mas foram os sumos sacerdotes de nossa ala que atenderam a nossa família.

Certo dia, sem prévio aviso, meu marido sofreu um derrame que lhe paralisou o lado esquerdo. Ele passou dois meses e meio no hospital, e quando voltou para casa, eu tinha que cuidar dele vinte e quatro horas por dia. Alguns parentes que viviam a muitos quilômetros de distância, telefonaram e nos enviaram cartas cheias de bondosas palavras de incentivo, mas era-lhes impossível ajudar-me a cuidar de meu marido.

Fazia apenas um dia que meu marido voltara do hospital quando nosso mestre familiar, Cliff Barton, apareceu lá em casa, para ver como os sumos sacerdotes poderiam ajudar. Decidimos que afastar-me de casa durante algumas horas todas as semanas, seria a melhor terapia tanto para mim quanto para meu marido.

A partir daquele dia, sumos sacerdotes amorosos e solícitos têm ficado com meu marido algumas horas semanalmente. Eles têm-nos ajudado tanto espiritual como

intelectualmente, levando-nos artigos de revistas, histórias, bom humor e companhia.

Homens que antes conhecíamos apenas casualmente, são agora amigos queridos, porque deram de si, servindo-nos de uma forma preciosa. Na primeira segunda-feira de cada mês, invariavelmente, o telefone toca; é o Irmão Barton, querendo saber meu programa para o mês, a fim de poder organizar as visitas.

Esses homens são maravilhosos, atenciosos e ternos. Suas alegres visitas tornam os longos e frios dias



de inverno mais curtos, os dias difíceis mais radiosos, e os dias ensolarados mais brilhantes.

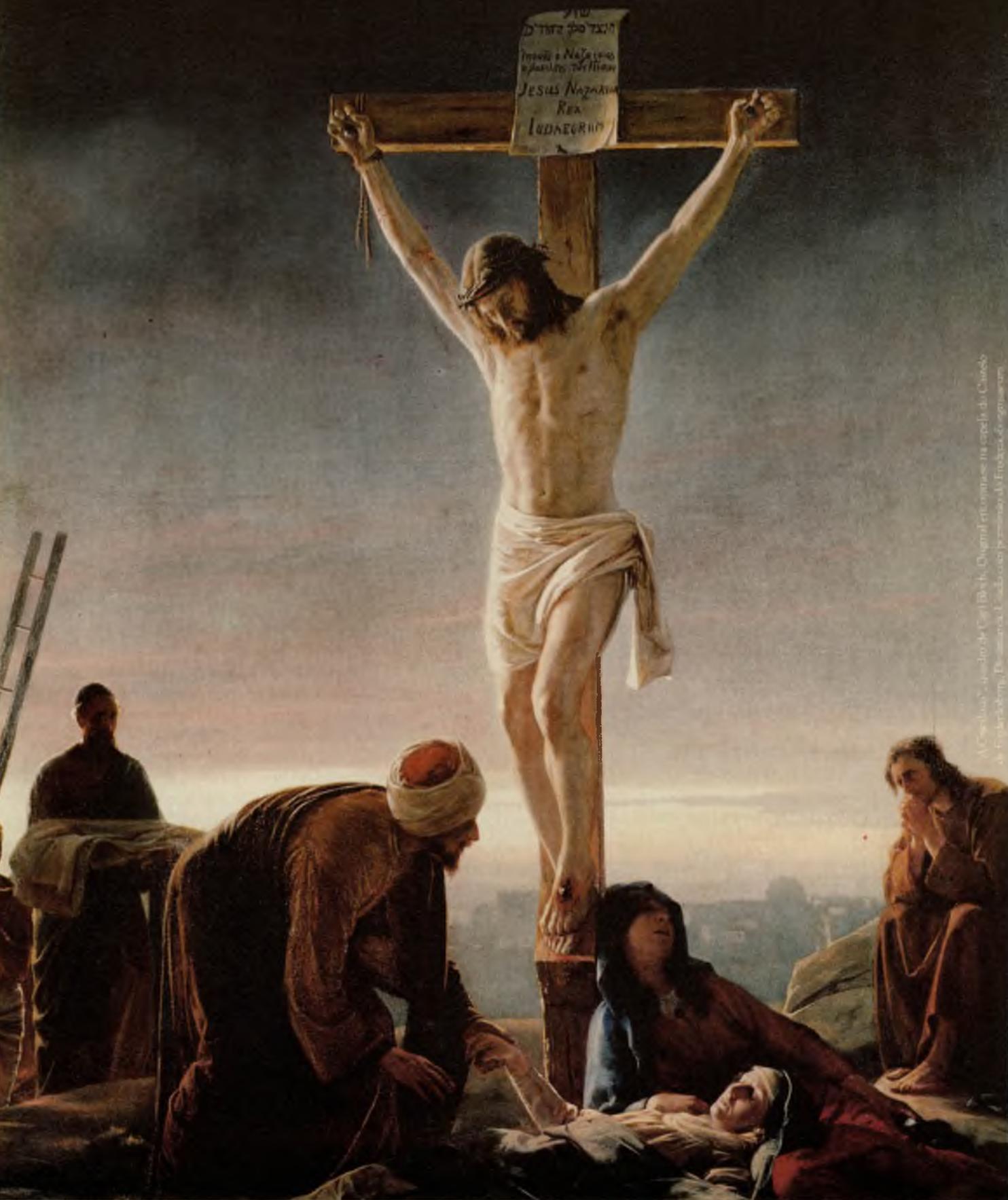
Não há dúvida de que, na minha ala, os irmãos sabem como servir. □

Thelma Williams é regente de música da Sociedade de Socorro, na Ala 4 de Oak Hills, Estaca Provo Utah Oak Hills.

A EXPIAÇÃO



Nosso Pai presenciou a intensa agonia física e espiritual de seu Filho Unigênito no Getsêmani e na cruz. E, assim como ele pode remover nossa dor, poderia ter poupado seu Filho daquela dor e agonia: na verdade, ele tinha poder para afastar a amarga taça do Salvador, mas devido a seu amor a nós, permitiu que seu Filho consumasse o maior de todos os sacrifícios.



REFLEXÕES SOBRE O PODER SANADOR DA EXPLIAÇÃO

Edwin W. Aldous



Já vistas uma pessoa amada sofrendo, sem que tivésseis poder para livrá-la da dor? Como médico, muitas vezes observei pais nessa situação — impossibilitados de ajudar, mas desejosos de fazer alguma coisa para aliviar a dor e o sofrimento de um filho.

Monique, uma menina de três anos, foi levada à sala de emergência do hospital, às três horas da manhã, precisando de antibióticos na veia, hospitalização e, possivelmente, ser operada. Levou mais de uma hora para se conseguir injetar-lhe o antibiótico no sangue, porque suas veias eram pequenas e finas; as enfermeiras tiveram que espetá-la repetidamente, tentando encontrar uma veia suficientemente grande e forte.

Tom, de oito anos, sofreu um acidente de carro, teve fratura do osso da face e ferimentos sérios na vista; já se submeteu a duas operações e necessitará de mais duas, para que seu olho volte ao normal.

Frank, de treze anos, brigou com outro menino e, infelizmente, a briga resultou num maxilar fraturado, que teve de ficar imobilizado por seis semanas.

Em cada um desses casos — e inúmeros outros — os pais alegremente assumiriam a dor física do filho, se fosse possível. Não importa que a dor do filho resulte da falta de cuidado ou desobediência, ou ainda de circunstâncias fora do controle da criança. Os pais não podem fazer nada e, em alguns casos, precisam sair do quarto, por não suportarem presenciar o sofrimento do filho.

Há um outro tipo de sofrimento que é ainda pior que a dor física. A dor espiritual pode ser permanente e eterna, e conduzir à morte espiritual.

Felizmente, temos um outro pai — nosso Pai Celestial — que pode livrar-nos e nos livra tanto da dor física como da espiritual. Pela expiação de Jesus Cristo, seremos ressuscitados da morte física; se nos arrependermos, também seremos redimidos da dor e da morte espiritual.

Nosso Pai presenciou a intensa agonia física e espiritual de seu Filho Unigênito no Getsêmani e na

cruz. E, assim como ele pode remover nossa dor, poderia ter poupado seu Filho daquela dor e agonia; na verdade, ele tinha poder para afastar a amarga taça do Salvador, mas, devido a seu amor a nós, permitiu que seu Filho consumasse o maior de todos os sacrifícios.

Nas palavras do Élder Melvin J. Ballard: “Naquele momento em que poderia ter salvado seu Filho, dou-lhe graça e louvor

por não nos ter falhado, por não ter pensado com amor unicamente no Filho, mas teve também amor a nós. Regozijo-me por não ter ele interferido, e porque seu amor a nós possibilitou-lhe suportar a visão dos sofrimentos do seu Filho, dando-o finalmente a nós, como nosso Salvador e Redentor. Sem ele, sem o seu sacrifício, estaríamos aguardando até hoje e não poderíamos jamais chegar glorificados à sua presença. E assim, foi isto que custou, em parte, ao nosso Pai Celestial, dar seu Filho como um presente aos homens.” (A *Liahona*, novembro de 1974, p. 17.)

Como bispo, encontro grande alegria aconselhando os membros que reconhecem suas transgressões e estão iniciando o processo do arrependimento. Poder compartilhar de sua tristeza pelo pecado, e suas lágrimas pelas transgressões — e depois considerar o perdão possibilitado pela expiação — é uma das maiores experiências de um bispo.

Observar o efeito sanador da expiação é contemplar a essência do evangelho. A expiação se aplica a todos nós: todos temos necessidade de arrependimento, e é somente por meio do Salvador que podemos livrar-nos do pecado e do sofrimento, tornando-nos como nosso Pai Celestial.

Que maravilhosa esperança a Expiação dá a todos nós. Como somos abençoados por termos um Salvador que tomou sobre si os nossos fardos. E como somos gratos por um Pai que permitiu a seu Filho curar-nos! □

Edwin W. Aldous, médico, é bispo da Ala Butler Dezesseis, Estaca Salt Lake Wasatch (Utah).

モルモン
の
経

MEU PRECIOSO COMPANHEIRO: O LIVRO DE MÓRMON

Desde os primeiros dias escolares, sinto um grande interesse pelas religiões. Frequentei muitas igrejas e ouvi muitos sermões. Quando estava no ginásio, comecei a procurar uma igreja verdadeira, como fez Joseph Smith, e orei fervorosamente para ser conduzida a ela.

Certa tarde, um amigo que eu não via há muito, entrou na minha classe. Trazia na mão um exemplar do Livro de Mórmon. Fiquei curiosa a respeito da capa, que mostrava alguém tocando uma trombeta, e perguntei-lhe: "O que é isso?" Foi assim que comecei a conhecer a Igreja.



Kyoko Karita serve atualmente como missionária de tempo integral na Missão Tokyo North. As informações contidas neste artigo apareceram primeiramente nas páginas de notícias locais da revista da Igreja em língua japonesa.

松内愛子
愛子

O Livro de Mórmon tornou-se precioso para mim, assim como acontece a muitas outras pessoas em todo o mundo. Não é um livro comum. Descobri que me dá muita força. Sempre o carregava comigo, para poder lê-lo todas as vezes que desejasse. Depois de algum tempo, descobri que podia fazer mais do que apenas lê-lo. Percebi que há muita gente ao meu redor que talvez necessite das palavras do Senhor, tanto quanto eu.

Às vezes, o Espírito me leva a falar a determinada pessoa. Quando isso acontece, oro para saber o que dizer. Isto sucede com frequência.

Como tenho um apego pessoal ao meu exemplar do Livro de Mórmon e não desejo dá-lo a ninguém, decidi carregar comigo um exemplar extra. Contudo, percebi que, às vezes, um livro não é suficiente, e assim passei a ter sempre dois à mão.

Frustrando o desejo de minha mãe que desejava ver-me transformada numa senhorita charmosa, com uma elegante bolsa pendurada no braço comecei a carregar exemplares do Livro de Mórmon numa bolsa grande e pesada. Seu peso não me deixa esquecer que sou uma moça SUD, com algo importante a compartilhar. Quando me sinto cansada, procuro realizar meu trabalho missionário mais rapidamente, distribuindo minha carga.

Quando digo a uma pessoa quão importante o Livro de Mórmon é para mim, e como me sinto feliz em dividi-lo com alguém, ela geralmente o aceita. Talvez não o leia imediatamente, mas nunca sabemos quando essa pessoa começará a refletir sobre quem ela é, qual o propósito desta vida, e para onde vai. Então, talvez se lembre do meu testemunho e abra o livro.

Sempre que dou o Livro de Mórmon a alguém, procuro imaginar sua expressão, quando descobrir que o livro é uma segunda testemunha de Jesus Cristo, que contém seus ensinamentos, incluindo o plano de salvação e o amor de nosso Pai Celestial a nós. Tal descoberta poderá mudar o resto de sua vida.

Ocasionalmente, vou ao Centro de Distribuição da Igreja e compro dez exemplares do Livro de Mórmon. Quando volto para casa, há sempre alguém no trem que me diz: "Seu pacote está muito pesado. Deixe que

eu seguro para você." Sempre que isso acontece, presenteio a pessoa com um livro, em agradecimento. Ao mesmo tempo, presto testemunho de que o livro vem de Deus e digo-lhe como é importante na minha vida. Certa ocasião, um outro passageiro, sentado ao lado da pessoa que segurava meu pacote, observou o que aconteceu. Em seguida, ofereceu-se para me ajudar.

Para mim, até o simples fato de estar segurando um Livro de Mórmon traz bênçãos. Sempre gosto de tê-lo nas mãos quando durmo e, se alguma vez me sinto insegura, posso dormir em paz. Podem imaginar como me sinto abençoada ao lê-lo.

Quando estou agitada interiormente, devido ao orgulho pessoal, o Rei Benjamim (Mosiah 2:20-22, 24-26) fala a mim. Quando sofro por causa de minhas fraquezas, recebo lições de Morôni e Néfi. (Êter 12:27, e 2 Néfi 4:17-35.) Quando estou hesitante, leio sobre Néfi. (1 Néfi 3:7.) Quando sinto medo de prestar testemunho, Abinadi, que prestou o seu, arriscando a própria vida, dirige-se a mim.

Penso em Amuleque (Alma 15:16), rejeitado por aqueles que haviam sido seus amigos; na coragem demonstrada pelos dois mil valentes guerreiros (Alma 57:19-21); nos anti-néfi-lehitas, que demonstraram seu profundo arrependimento e grande amor a seus semelhantes (Alma 24); em missionários maravilhosos, como Alma, Amon, Aarão e Muleque; na humildade e grande fé demonstrada pelo irmão de Jared; no Rei Lamôni, cujo coração era puro como o de uma criança; em Morôni e Samuel, o profeta lamanita, de firmes convicções sobre sua fé e coragem. Fico imaginando o que pensou Morôni, quando se viu sozinho após a grande batalha no Monte Cumorah, e quando enterrou as placas de ouro.

Sou grata a Joseph Smith por haver protegido desesperadamente as mesmas placas sagradas, e por ter sido digno de traduzi-las, para que pudéssemos ter o Livro de Mórmon em nossos dias. Sinto-me feliz e privilegiada por ter o Livro de Mórmon como meu companheiro, e oro para que possa ser digna de, um dia, encontrar-me com seus autores. □

“A CARIDADE NÃO SE PORTA COM INDECÊNCIA”

Objetivo: Viver o Evangelho de Jesus Cristo, dando um exemplo positivo.

“Vinde após mim”, disse Jesus, e Simão Pedro e André abandonaram suas redes e o seguiram. (Vide Mateus 4:18-20.) Como esses humildes pescadores que se tornaram discípulos de Cristo, nós, também, procuramos segui-lo. Ele realizou milagres, foi o exemplo da perfeição e, por meio da expiação e ressurreição, tornou possível ao homem a imortalidade e vida eterna.

Disse ele: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15) e “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. (João 13:35.) Como podemos demonstrar nosso amor a Jesus e às pessoas? Como podemos guardar seus mandamentos e dar um exemplo que faça com que outros tenham vontade de segui-lo?

Todas nós temos oportunidades de ensinar o evangelho, sendo bons exemplos em casa, no trabalho, na escola e em nossa comunidade. A bênção patriarcal de certa jovem dizia que, onde quer que ela fosse, as pessoas julgariam a Igreja pelo seu exemplo. Ela viajou muito, com um grupo artístico da escola e, mais tarde, devido ao seu emprego. Lembra-se sempre da bênção, e teve inúmeras oportunidades de falar sobre a Igreja a pessoas de fora.

Outra irmã, convertida recentemente, ficou surpresa ao ouvir uma pessoa de sua ala falar sobre a maneira de nos vestirmos, tendo em mente a intenção de algum dia irmos ao templo para recebermos a investidura. “Os conselhos dessa irmã realmente me impressionaram”, diz ela. “Pensando sobre o assunto, senti o desejo de descobrir como me vestiria, se já tivesse ido ao templo.” Mais tarde se desfez de todas as suas roupas inadequadas e comprou outras de acordo com os padrões da Igreja. Dois anos depois, quando foi ao templo, não precisou mudar seu guarda-roupa, que já era bonito e recatado.

Dar um bom exemplo significa também amar e respeitar os outros, tendo tolerância com suas crenças. Diz um manual usado no Centro de Treinamento Missionário: “As boas maneiras baseiam-se no respeito

pelos sentimentos, opiniões, bens e tempo das pessoas. Esse respeito demonstra que estamos mais preocupados com os outros do que conosco.” (*Ye Are the Light of the World*, pp. 77-78.) A maneira de tratarmos as pessoas mostra quem somos e em que acreditamos.

Geralmente é mais fácil demonstrar respeito e tolerância para com amigos — ou mesmo para com estranhos — do que com as pessoas mais próximas a nós. Quando estamos cansadas, doentes ou tensas, conseguimos falar com bondade a uma criança desobediente, a um marido desatencioso ou a uma companheira de quarto mal-humorada? O Apóstolo Pedro aconselhou: “Sede todos de um mesmo sentimento, compassivos... e afáveis.” (I Pedro 3:8.)

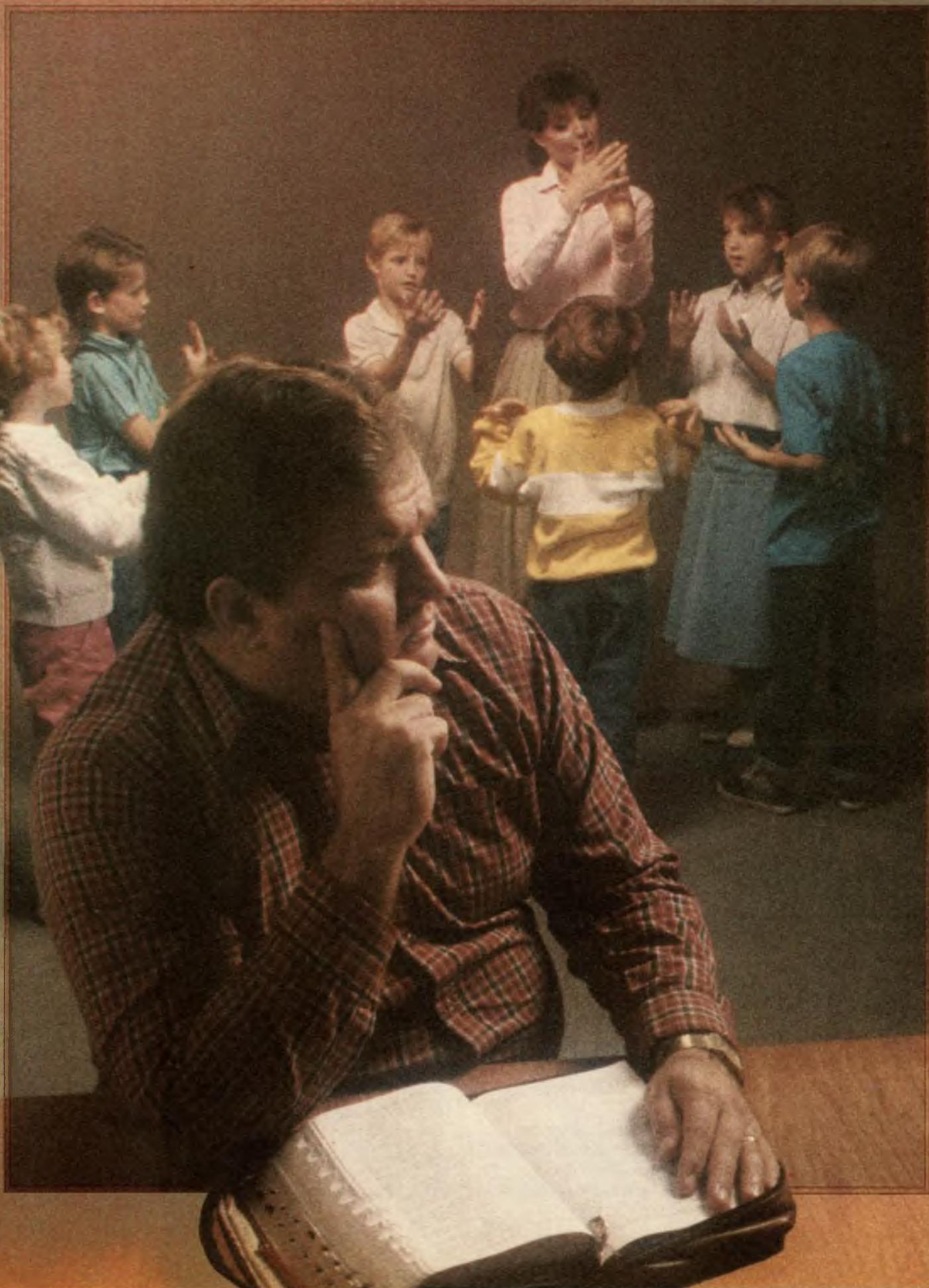
Respeito e tolerância andam de mãos dadas com a reverência pela própria vida. Devemos honrar e respeitar todos os filhos de Deus, assim como suas criações. Se nos lembrarmos de quem somos e agirmos de acordo, aprenderemos a ter caridade que, diz o Apóstolo Paulo, “não se porta com indecência” (vide I Coríntios 13:4-5), e nos ajudará a amar as pessoas como o Salvador nos ama.

“Uma mulher bela, recatada e graciosa é a obra-prima da criação”, disse o Presidente David O. McKay. “Quando a mulher junta a essas virtudes — como estrelas-guia em sua vida — a retidão e a santidade, e também o impulso e desejo irresistíveis de tornar as outras pessoas felizes, ninguém discordará, se ela for considerada como verdadeiramente grande.” (*Man May Know for Himself*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1969, p. 261.) □

Idéias para as Professoras Visitantes

1. Relate uma experiência na qual um bom exemplo afetou alguém positivamente.
2. Ao conversar com a irmã, especifique pontos nos quais podemos dar bons exemplos.

(Vide *Livro de Recursos para a Noite Familiar*, pp. 166, 180-181, 235-237, 242-245 e todas as referências sobre *Amor*, para matéria relacionada.)



BUSCAR O ESPÍRITO NO CASAMENTO

Quando procuramos obedecer ao Senhor, o companheirismo que desejamos ter com nosso cônjuge torna-se mais fácil.

Terrence D. Olson

“Se a Rosa não fosse tão agressiva”, pensou João, “nosso relacionamento poderia melhorar”. Ele e a esposa sentiam-se distantes um do outro, e João desejava reconquistar aquela união existente no início de seu casamento.

João achava que só poderiam conseguir um bom relacionamento, se a esposa mudasse. Mas então lhe ocorreu que talvez ele também necessitasse de algumas mudanças. “O que *eu* poderia fazer para sermos mais unidos?” pensou. Esta pergunta levou seu pensamento a uma outra: “Que tipo de homem deverei ser?” (Vide 3 Néfi 27:27.)

A pergunta não lhe saía da mente. Lembrou-se, por exemplo, da preocupação de Rosa ao preparar-se para uma reunião da Primária, no sábado anterior. Ele ficara zangado, pensando que a esposa atrasaria, a ele e ao filho, para o jogo de futebol. Durante toda a tarde sua tensão aumentara, sendo que, ao mesmo tempo, sentia ciúmes do tempo que ela estava gastando, preparando-se para a reunião.

Mas agora, lendo as escrituras com a companhia do Espírito, o acontecido parecia diferente. Que tipo de homem ele tinha sido? Útil, solícito, desejoso de apoiá-la em seu chamado? As evidências estavam contra ele.

Tornava-se claro para ele agora, que suas acusações contra a mulher expressavam seu próprio egoísmo. Pensou como pudera ser tão cego. O apoio que recebia dela e seus sacrifícios por ele, condenavam-no ainda mais. Naquele mesmo sábado em que ficara zangado, Rosa se levantara cedo para datilografar um relatório dele para o escritório.

As escrituras descrevem claramente a situação de João: “Se dissermos que temos comunhão com ele (Cristo), e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade.” (1 João 1:6.)

Quando João começou a se arrepender de suas críticas, e pedir a ajuda do Senhor, recebeu outros influxos do Espírito. Enxergou o que se recusara a ver anteriormente: Sua própria necessidade de desenvolvimento espiritual. O Espírito Santo lhe estava mostrando como ter união com a esposa, e não como modificá-la.

Que Tipo de Respostas?

Quando procuramos obedecer ao Senhor, o companheirismo que desejamos ter com nosso cônjuge torna-se mais fácil. O espírito nos ensina o tipo de homem e mulher que devemos ser.

Mas que espécie de respostas, se é que alguma, podemos esperar receber, se nos dirigimos ao Senhor já tendo julgado nosso cônjuge como pessoa agressiva, indigna ou insensível? Será possível recebermos respostas claras, quando oramos com tais ressentimentos? A verdade é que, enquanto sentimos ciúmes, ressentimento ou raiva, ou qualquer outro tipo de sentimento não cristão, estamos resistindo à orientação espiritual.

Mas, o que acontece, quando um dos cônjuges procura sinceramente orientação divina, e o outro não? O que sucede com frequência, embora não precise nem deva acontecer, é que a pessoa que está buscando o Espírito fica ofendida com o que lhe parece uma atitude de indiferença ou “desobediência” por parte da outra. Onde havia delicadeza e humildade, existe agora aspereza, impaciência e talvez até arrogância.

Alguns poderão tentar justificar tal reação, dizendo: “Bem, isso mostra a frustração que se sente, quando nosso cônjuge é desobediente. É difícil seguir os

conselhos do Senhor, quando meu marido não se importa ou luta contra mim.”

Esse argumento é falso. Significa que poderíamos solicitar a influência do Espírito Santo para enfrentar as circunstâncias com sucesso — se não fosse pelas circunstâncias. A verdade é que nosso fracasso em obter inspiração não resulta das circunstâncias que nos cercam, mas de nossa condição espiritual. Como diz o ditado: “Levantamos a poeira e depois reclamamos que não conseguimos enxergar.”

“Acho que Você Está com Medo”

Cíntia chegou da Sociedade de Socorro em lágrimas. Preparara-se diligentemente para sua aula, e achara que tudo correria bem. Mais tarde, ouvira duas mulheres criticando-a no corredor. Isso doeu.

Explicou ao marido, Fernando, o que acontecera. Se era assim que as irmãs se sentiam, disse-lhe, era hora de pedir ao bispo que a desobrigasse. Fernando sugeriu que não se precipitasse. — Por que não espera pela orientação do Espírito? — perguntou-lhe.

Cíntia ficou frustrada. — Você é como todos os outros — reclamou. — Nem entende o que eu passei, e já quer dizer-me o que fazer!

Fernando poderia ter discutido com ela, mas não o fez. Nem mencionou o fato de que Cíntia o estava tratando da mesma forma que dizia ter sido tratada pelas irmãs. Disse simplesmente: — Não desejo ser seu inimigo.

Cíntia hesitou. Não tinha certeza se ele estava sendo sincero, ou agindo como se fosse moralmente superior. Fernando continuou: — Quero pensar — e saiu da sala.

Ele lamentava tanto a forma como sua esposa fora tratada, quanto seu sofrimento. As acusações dela



doeram, mas ele deixou isso de lado. Fernando percebeu como seria errado fazer o que ela estava fazendo — desferrar-se. Pensou sobre o problema e depois orou. Sentiu que não poderia forçar Cíntia a abrandar o coração. Somente o Espírito poderia levá-la a uma transformação eficaz.

O que Fernando fez é apenas um exemplo do que pode fazer uma pessoa guiada pelo Espírito. O Senhor concede respostas específicas e individuais para cada situação. “Acho que você está com medo”, disse ele, finalmente, à esposa. Seu coração se achava repleto de amor e preocupação por ela. “Não sei do que você está com medo, mas creio que a caridade perfeita lança fora o temor. Talvez a solução para sua mágoa seja amar as irmãs que a criticaram.”

As palavras “medo” e “amor” passaram a ecoar na mente de Cíntia. Seu coração começou a enternecer-se, e ela se arrependeu de suas palavras duras, reconhecendo o amor do marido. No dia seguinte, disse-lhe: “Sinto muito pelo que disse a você. E também sinto por ter reagido daquela forma ao comentário das irmãs. Quando fui designada professora da Sociedade de Socorro, o Senhor prometeu-me que poderia aliviar os fardos alheios. Devido ao meu orgulho, tornei-me eu mesma um fardo.” Com esta percepção, que lhe foi sussurrada pelo Espírito, Cíntia começou a readquirir autoconfiança e a exercer um amor mais cristão para com as irmãs que ensinava.

Colocar as Coisas de Deus em Primeiro Lugar

A união no matrimônio pode ser um poderoso convite para o Espírito entrar num lar. Os casais não precisam afastar-se como os dois mencionados nos exemplos precedentes. Aqueles que se esforçam por

guardar os convênios que fizeram um com o outro, e procuram obedecer à vontade de Deus, sentem-se unidos. Num casamento assim, cada cônjuge incentiva o outro a viver de modo que possa merecer orientação espiritual, sendo um exemplo de amor e solicitude, e colocando as coisas de Deus em primeiro lugar. O que distingue esses casais de outros, é a mesma coisa que distingue a Igreja restaurada de outras igrejas: a orientação e influência santificadora do Espírito.

Assim, vemos que o que nós *somos* é mais fundamental do que aquilo que fazemos, quando se trata de receber inspiração. Não podemos, através de um comportamento exterior que parece bom aos olhos dos homens, enganar o Senhor a respeito de nossas intenções reais. Os esforços para obter orientação de Deus não têm qualquer resultado, quando a pessoa não entregou seu coração a Deus: “Pois como pode um homem conhecer o mestre a quem não serviu, que lhe é estranho e que está longe dos pensamentos e intenções de seu coração?” (Mosiah 5:13.) A fim de nos qualificarmos para receber inspiração pessoal, precisamos estar dispostos a atender aos constantes convites do Espírito para fazer o bem.

Algumas pessoas podem pensar que esse conceito de viver obedientemente para receber revelações, é uma boa idéia para os outros, mas não é prático para elas. Contudo, como demonstram as experiências de João, Rosa, Fernando e Cíntia, quando pagamos o preço em humildade e diligência, receberemos a orientação do Espírito. E, assim como os dois casais resolveram seus problemas, nós também poderemos resolver os nossos. □

Terrance D. Olson é diretor-assistente da Faculdade da Família, Lar e Ciências Sociais, na Universidade Brigham Young, Provo, Utah. Serve na presidência da Estaca Seis na Universidade Brigham Young.

Recentemente, na reunião de nosso quorum do sacerdócio, falávamos sobre a oração e seu papel em nossa vida. Mencionamos vários lugares e atitudes de oração. E, finalmente, passamos a falar de nossas experiências pessoais com ela.

Embora o Senhor haja respondido às minhas orações centenas de vezes, e meu testemunho sobre a oração sempre tenha sido muito forte, lembrei-me de uma experiência que tive numa base de treinamento militar em San Antonio, Texas, em 1968.

Meu grupo de treinamento da Força Aérea fora designado para o

alojamento nº 1019. Era um típico prédio militar de dois andares, portas duplas nos dois extremos, janelas dos dois lados. Ficava no meio de uma centena de outros prédios exatamente iguais, todos pintados de branco.

Minha cama se encontrava no andar de cima, na parte posterior do prédio. Chegando ao alto das escadas, o escritório do instrutor de treinamento ficava à direita, o banheiro à esquerda, e um assoalho de madeira escura estendia-se à frente.

Os pés de minha cama ficavam ao lado de trinta outras camas exatamente iguais. Meu armário ficava junto à cabeceira da cama. Eu dormia no beliche inferior.

Acima de mim, dormia William

E. "Willy" Wilson, baixo, forte, negro, criado no sul dos Estados Unidos, profundamente religioso, um grande amigo.

Desde meu primeiro dia no quartel, senti uma necessidade aguda de orar. Mas imaginei se poderia ajoelhar-me para fazê-lo, no alojamento.

Na primeira noite, esperei pacientemente que as luzes se apagassem. Às 9h00, elas se apagam automaticamente, controladas por um dispositivo que se encontra no escritório do instrutor. Acendiam-se novamente às 4h45 min, todas as manhãs.

Mais ou menos às 9h20 min, levantei-me em silêncio da cama e ajoelhei-me em oração. Supliquei a Deus que me ajudasse a encontrar

ORAÇÃO NO ALOJAMENTO 1019

Jon B. Fish



um meio de fazer minhas orações sem ser interrompido.

Embora devêssemos todos estar na cama, muitos dos homens continuavam a engraxar as botas à luz de uma lanterna, ou a escrever cartas à luz de um isqueiro. Muitos apenas conversavam.

Depois de orar, eu voltava devagarinho para a cama, procurando não perturbar Willy.

Fiz isso todas as noites, durante uma semana.

Na primeira manhã de domingo, permitiram-nos dormir até às 6h00. Poucos minutos depois das 6h00, quando eu, morto de sono, me sentei na beirada da cama, ainda tentando acordar, entrou no alojamento o sargento Bradbury, nosso instrutor.

Muito sério, perguntou: — Alguém quer ir à igreja hoje?

— Sim, senhor — respondi. Todo o resto do pessoal permaneceu em silêncio absoluto.

— Venha ao meu escritório, Fish — ordenou-me em voz baixa.

Naquela primeira semana, aprendêramos a jamais nos apresentarmos como voluntários para qualquer coisa. Agora eu fizera isso.

— Você cometeu um erro — sussurrou-me Willy, quando passei por ele.

No escritório do sargento, apresentei-me: — Soldado Fish apresentando-se, como ordenado.

— À vontade — disse ele. — Sente-se. Eu fiz o que mandou.

— De que religião você é? —

perguntou-me.

— Santo dos últimos dias, senhor — respondi. Ele pareceu intrigado.

— Mórmon, senhor — expliquei.

— Oh — e deu um sorrisinho. —

Tenho um bom amigo que é mórmon — disse, como se se desculpando, como se pedisse minha permissão para dizer aquilo. Sacudi a cabeça, concordando.

— Você sabe onde sua igreja se reúne? — foi a pergunta seguinte.

— Não, senhor. Não sei.

Abrindo a gaveta da escrivaninha, tirou um guia da base e mostrou-me aonde ir. Deu-me também o nome do capelão, a quem telefonei do escritório do sargento, e que foi muito gentil. “A reunião do sacerdócio começa às



Quando voltei da igreja naquele dia, fui saudado pelos outros homens com uma pergunta: “Olá, capelão. Como estava Deus, hoje?”

9h00”, disse.

Após ter conseguido todas as indicações necessárias, desliguei o telefone, e o sargento Bradbury disse: — Pode ir. Esteja de volta às 18 horas.

— Sim, senhor!

Quando estava a meio caminho de minha cama, o sargento Bradbury falou novamente, onde todos pudessem ouvir. “Com exceção de Fish, todos estão confinados ao alojamento, exceto na hora das refeições.”

Quando voltei da Igreja naquele dia, fui saudado pelos outros homens com comentários sarcásticos.

— Olá, capelão — disse um.

— Como estava Deus, hoje? — perguntou outro.

Tentei sorrir e continuei andando em direção à minha cama. Willy estava deitado no beliche de cima, lendo.

— Como eu disse — comentou — você cometeu um erro.

Essa foi a primeira vez em minha vida que ouvia dizer que ir à igreja era um erro.

Mudei de roupa e marchei para o jantar com o grupo, embora somente Willy se sentasse ao meu lado.

Passamos o resto do domingo lendo, escrevendo cartas e fazendo outras coisas.

Repetindo meu procedimento da semana anterior, mais ou

menos às 9h15 min, saí da cama, no escuro, e ajoelhei-me para orar. Como sempre, o barulho habitual do dormitório continuou.

Mal começara a orar, uma voz muito familiar gritou bem claramente: “Quietos! O capelão está orando.”

Era Willy.

O barulho no andar de cima do alojamento 1019 cessou instantaneamente. Muitos de nós logo seríamos designados para lutar na Indochina. Percebi que todos sentiam necessidade do conforto recebido na oração.

Por acordo geral e respeitoso, passei as seis semanas seguintes, pontualmente às 9h15 min, todas as noites, ao pé de minha cama, oferecendo uma oração de dois ou três minutos em favor de todos os sessenta homens do andar superior do alojamento 1019. E durante aqueles poucos minutos de oração, parecia que estávamos reunidos num santuário, afastados dos negócios e procedimentos militares.

Ao final de cada oração, sempre se ouvia alguns “améns” em voz baixa, e muitos “aleluias”, bem mais ruidosos.

Mas isso não importava. Naquelas quarenta noites, enquanto agia como porta-voz de muitos, nós todos orávamos ao mesmo Deus. E ele respondeu às minhas orações. □

Pelo fato de ser cego, quando Richard Cowan planeja ir a algum lugar onde nunca esteve antes, geralmente prepara um mapa especial da área. Ele os chama de “mapas de linhas salientes” e são guias engenhosos para tudo. Nesses mapas, as estradas são “desenhadas com barbantes grossos, as ruas com linha fina, rios, lagos e parques com diversos tipos de tecido. Todos os pontos de interesse têm uma textura diferente.

O Irmão Cowan, professor de História e Doutrina da Igreja, na Universidade Brigham Young, Provo, Utah, gosta de compartilhar com outros essas criações. “Quando fui à Cidade do México”, explica, “fiz uma série de mapas da cidade e do país. Mandei preparar várias cópias, levei-as comigo, e apresentei-as a uma organização de cegos, com a esperança de que pudessem ajudar alguém.” O Irmão Cowan fez agora reproduzir esses mapas em plástico com a mesma textura dos tecidos originais e que são muito mais duráveis.

Seu senso de direção ultrapassa os mapas em que se baseia. Amigos falam de sua capacidade incomum de saber onde está, para onde vai e como chegar lá. Quando percorre ruas familiares, muitas vezes diz ao motorista do carro: “Vire à direita na próxima esquina, no farol.” Ou conversando com um visitante de outro estado, ele comenta que direção tomar para ir de um ponto a outro.

Sua esposa, Dawn, fica preocupada, quando ele insiste em percorrer sozinho uma área familiar, andando rapidamente. “Ele não usa bengala”, diz ela. “Não quer um cão para guiá-lo. Jamais diminuí o passo. Tenho

RICHARD COWAN: HOMEM DE VISÃO INCOMUM

Cynthia Gardner

medo de que encontre alguma coisa inesperada e vá de encontro a ela.”

Bem cedo na vida, Richard Cowan planejou sua vida, sem se deixar desencorajar pela cegueira. “Enxergo um pouco”, diz ele do seu mundo que é mais cinzento do que totalmente preto. “Em Los Angeles, Califórnia, onde nasci e cresci, tive as experiências comuns da infância. Minha mãe lia para mim em voz alta, e meu pai me apoiava muito, também. No começo de minha adolescência, eu participava do que chamavam de “Ajuda à Visão”, um programa que imprime livros com letras bem grandes e usa luzes muito fortes para nos ajudar a enxergar, mas não me adiantou muito. Mal conseguia ler os materiais. Assim, quando fui para o ginásio, puseram-me num programa de Braille. Fiquei nele durante um semestre, mas não gostei muito.”

O esboço do mapa de sua vida foi traçado, quando recebeu sua bênção patriarcal, aos quinze anos, e lhe foi prometido que seria selado a uma formosa filha de Sião, e que escreveria e elevaria sua voz, anunciando a salvação.

Até o chamado para a Missão

Hispano-Americana em 1953, ele havia desdenhado o uso do sistema Braille, mas no campo missionário, “decidi que era tolice minha. Ali estava uma ferramenta para ser usada, e eu não a estava usando. Então me esforcei para aprender o Grau 3, uma taquigrafia Braille que os alunos usam para escrever com mais rapidez.”

O resultado imediato dessa decisão surgiu quando foi chamado para um debate com um ministro de outra fé. O Irmão Cowan tinha suas escrituras em taquigrafia no colo, enquanto conversavam. O ministro finalmente reconheceu que o Élder Cowan certamente conhecia as escrituras. “Sim”, concordou Richard, com um sorriso, “eu as tenho na ponta dos dedos.”

Outra decisão importante que valorizou a textura de seu mapa de vida, foi tomada durante uma conferência de distrito dirigida por seu presidente de missão e o Élder Clifford E. Young, a Autoridade Geral visitante. Nessa reunião, o Élder Cowan sentiu tão fortemente a influência do Espírito Santo, que perguntou a si mesmo: “O que

posso fazer para ganhar a vida, que me coloque em contato com este tipo de sentimento?”

A resposta lhe veio imediata: “Ensine religião na Universidade Brigham Young.” A partir daquela tarde, ele sabia para onde ir. Depois de retornar da missão, esperou um ano e dois meses pela “formosa filha de Sião”, a Irmã Dawn Houghton. Durante os três anos seguintes, em Palo Alto, Califórnia, com Dawn lendo para ele, conquistou o mestrado e doutorado em História, na Universidade de Stanford.

Em 1961, Richard Cowan começou a ensinar religião na Universidade Brigham Young, apesar de lhe haverem dito que não teria sucesso como professor. Quatro anos mais tarde, foi eleito pelos alunos o “Professor do Ano”; atualmente, está em seu vigésimo oitavo ano, lá.

O Irmão Cowan é um autor muito ativo; escreveu livros, fez palestras sobre vários tópicos relacionados à Igreja, e escreveu inúmeros artigos para revistas da Igreja, a partir de um que escreveu durante a lua-de-mel. Atualmente é encarregado do comitê de redação de Doutrina do Evangelho da Igreja, que elabora as lições para esse curso da Escola Dominical. “É maravilhoso trabalhar com ele”, diz um membro do comitê. “A profunda compreensão que tem do evangelho não impede que se manifeste seu senso de humor.”

Sua maior fã — desde o primeiro momento em que o viu — é a esposa, Dawn. O casal tem seis filhos, quatro moças e dois rapazes. □

Cynthia M. Gardner é professora da Sociedade de Socorro da Ala 25 Provo Utah. Ela e o marido servem também no Templo de Provo.



Richard Cowan continua devotando a vida à busca da vida eterna, guiado pelo mapa que viu claramente quando era jovem, e ao qual continua sendo fiel.

OS PÉS DE LILÁS

Geri Walton

Eu não me desviara do evangelho por desobediência ou rebeldia. Mas, devido a uma grave enfermidade, descobri o que significa sentir-se afastada do rebanho do Senhor.

Após meses de doença e hospitalização, compareci a uma reunião de jejum e testemunho, no fim do verão, sentindo-me muito só. Ver pessoas se levantarem e testificarem de seu amor ao Senhor, ao evangelho, aos líderes, à família, fez-me desejar desesperadamente sentir a mesma confiança, paz e segurança no evangelho que aqueles que me cercavam obviamente sentiam. Mas, em consequência de minhas condições físicas, meus sentidos espirituais estavam embotados.

Foi então que um certo Irmão Vance se levantou na congregação. Era grande e forte e tinha um jeito de avô. Sabia trabalhar com as mãos e falou de sua gratidão ao Senhor pelo crescimento de alguns pés de lilás que eram preciosos para sua esposa.

As plantas tinham ficado muito altas, bloqueando a

luz do sol que batia em sua pequenina casa. O Irmão Vance dissera à esposa que precisava cortá-las e transplantar as raízes em outro local. Ela protestara vigorosamente, com medo de que os arbustos não sobrevivessem, mas ele achou que a mudança de lugar era imprescindível.

Falou sobre a tarefa dolorosa, mas cheia de amor, de podar os arbustos, preparar o solo novo e, finalmente, desenterrar as raízes e transplantá-las.

Contou como todos os dias arrancava as ervas daninhas, aguava a terra e procurava sinais de vida. A demora na brotação das plantas deixou-o preocupado, com medo de ter destruído os belos pés de lilás da esposa. Quanto mais pensava em seu amor à companheira eterna, mais se afeiçoava às raízes das quais estava cuidando.

Finalmente, certa manhã, sentiu-se aliviado ao perceber evidências de que estavam vivas e se desenvolviam. Levou a esposa para ver os lilases e ofereceu uma prece de gratidão pelos resultados de seu trabalho.

O Irmão Vance fez então uma analogia, dizendo que muitos de nós passamos por períodos de fraqueza, como se o Senhor nos cortasse um pedaço e até nos transferisse para um solo desconhecido ou estranho, por ter planos especiais para



nós. Se o Senhor nos deixasse como nossas folhas originais, e no solo antigo, não descobriríamos nossas fraquezas e não teríamos oportunidade de vencê-las.

Quando temos necessidade de fazer um esforço para começar nova fase de desenvolvimento, tornamo-nos mais fortes e de mais valia para o Senhor do que se nunca tivéssemos sido desafiados.

Quando passamos por períodos de medo e dor, seus planos para nós se tornam mais evidentes se oramos e estudamos fervorosamente; então percebemos novos poderes e propósitos em nossos desafios. Esta é uma forma usada por ele para mostrar-nos nossas fraquezas, e fazer “com que as coisas fracas se tornem fortes”. (Êter 12:27.)

O Espírito testificou-me a veracidade das palavras do Irmão Vance, e essa nova percepção deu-me forças para continuar em minha tentativa de recuperar tanto a força física quanto a espiritual.

Meses mais tarde, numa nova ala, com minha saúde restaurada, fui chamada para dar aula no seminário. Por causa de minha experiência, senti-me mais capaz de estudar o evangelho zelosamente, compartilhando minha nova força não só com os jovens da ala, mas igualmente com algumas outras ovelhas que estavam pensando em desviar-se.

Agora, sempre que enfrento o desconforto de um novo início, procuro lembrar-me da analogia do Irmão Vance sobre a poda com propósito. Ela ajuda-me a considerar minhas provações por uma perspectiva mais ampla e leva-me a orar, para que eu cresça de uma forma agradável ao Senhor e a mim mesma. □

Geri Walton, membro da Ala Aetna, Estaca Cardston Alberta, serve como líder em-serviço da Primária.

CRESCIMENTO

QUANDO MEU MARIDO FOI DESASSOCIADO,

Em 1973, meu marido e eu, sentados calmamente, ouvimos um orador da Igreja contar como as desassociações e excomunhões haviam aumentado na Igreja, recentemente. Sacudi a cabeça tristemente, sentindo-me segura com meu casamento no templo, meu testemunho, atividade na Igreja, sem ter a menor idéia, naquele momento, de que meu futuro seria devastadoramente afetado por um tal processo.

Minha vida foi drasticamente alterada, cerca de sete anos mais tarde, quando meu marido, portador ativo do Sacerdócio de Melquisedeque, ex-missionário, ex-membro de bispado e pai de nossos seis filhos, foi chamado perante um tribunal da Igreja, e desassociado.

Senti-me rejeitada, traída e amedrontada pelo que aconteceu. Ao derramar minha alma diante do Senhor, procurando respostas, aprendi verdades eternas que me ajudaram a enfrentar essa dolorosa experiência. De uma forma que só ele é capaz, o Senhor, misericordiosamente, colocou-me de pé outra vez, tanto emocional quanto espiritualmente.

Estou convencida de que minha angústia não teria sido mais intensa, se estivesse no lugar dele naquele tribunal. Eu sempre procurara, com todas as minhas forças, fazer o que o Senhor me

pedia. Casara-me com um rapaz maravilhoso, que resplandecia com o testemunho do evangelho, e agora me sentia traída. Ele mudara e eu não tinha controle da situação. Chorei por nosso filho que estava chegando à idade de receber o Sacerdócio Aarônico, e não sabia como explicar-lhe que o pai não poderia conferir-lhe o precioso sacerdócio. Outro filho seria batizado em pouco tempo. Novamente teríamos de procurar uma explicação. Tinha medo de enfrentar a família, os amigos, os membros da ala. Embora tivesse feito todo o possível para assegurar minha felicidade e a de meus filhos, parecia-me estar vivendo um pesadelo.

Descobrir uma forma de enfrentar a dor e a decepção, passou a ser tarefa de tempo integral. Necessitando de alguém com quem conversar, voltei-me ao Senhor, em busca de auxílio e consolo. Ele se tornou meu amoroso conselheiro.

Muitos anos antes, por ocasião da morte de nosso filho, que era bebê, culpei-me pela perda. Um médico compreensivo explicou-me que isso era comum, mas errado. Uma pessoa magoada naturalmente procura algo que poderia ter feito para evitar a tragédia. “Não ceda à tentação de culpar-se”, aconselhou.

Após o tribunal da Igreja, vi-me caindo novamente na mesma

NTO DOLOROSO

MEI AO SENHOR PARA QUE DESSE NOVAMENTE SENTIDO À MINHA VIDA.

armadilha. Pouco a pouco, entendi que não podia controlar, nem responsabilizar-me pelos atos de meu marido. Comecei a concentrar-me nas coisas que eu podia controlar e mudar em mim mesma.

Ao mesmo tempo, procurei aceitar não só a situação, mas também meu marido. Aprendi que era inútil comparar nosso progresso espiritual ao de outros casais. Quando lia a respeito de pais e maridos exemplares, ainda me sentia tomada pelo desânimo. Contudo, conseguia dizer a mim mesma: "A situação deles é diferente. O Senhor me ajudará com a minha." Expressando gratidão pelas bênçãos que tinha, começou a crescer dentro de mim uma aceitação carinhosa. Ao mesmo tempo, a atitude de toda nossa família começou a melhorar. Para minha surpresa, percebi que havia ocasiões em que me sentia mais feliz e em paz do que me sentira em anos.

Às vezes eu hesitava em pedir certas bênçãos, temendo que a situação de meu marido nos impedisse de recebê-las. O Senhor logo desfez minha apreensão, concedendo-nos, no correr dos anos, bênçãos materiais e espirituais.

Meu amor-próprio havia sido destruído pela experiência da desassociação. Ficava ocupada

várias horas por semana, servindo como presidente de uma das auxiliares da ala. Como poderia o Senhor ou mesmo o bispo, esperar que eu continuasse no chamado? Estava esgotada emocional e fisicamente. Mas nada foi mencionado a respeito de minha desobrigação, e permaneci no cargo. Mais tarde, compreendi que essa era a forma de o Senhor demonstrar a necessidade de minhas aptidões. Ao mesmo tempo, nossos filhos continuaram a ir bem na escola, assim como fora dela. Nesse ponto, o Senhor me assegurava que não estávamos falhando como pais. Tais experiências me encorajaram e me convenceram de meu valor.

Com o correr das semanas, meses e anos, a dor às vezes ficava mais fraca, e às vezes mais forte. Acostumei-me ao fato de que a maioria das pessoas evitava o assunto. Poucas venceram o medo de não saber o que dizer, e, portanto, não diziam nada. Sempre serei grata à amiga que *sinceramente* perguntava: "Como vão as coisas?" e ouvia pacientemente o que eu lhe respondia.

O Senhor continuou a consolar-me e a ensinar-me. Muitas vezes, reclamei por meu marido não ter desejo de mudar. Sem exceção, o Pai Celestial se recusava a aceitar minhas críticas. Por inspiração, ele me encaminhava, de modo

amoroso, a escrituras sobre a tolerância. Também me lembrava de meu papel especial como esposa. Estava convencida de que partes de Doutrina e Convênios 25, onde o Senhor admoesta Emma Smith a ajudar e confortar o marido, se aplicavam tanto a mim quanto a ela. Lia essa seção repetidamente, acreditando cada vez mais no valor de meu marido.

Orava regularmente para que meu amor a ele aumentasse. O Senhor, como de costume, respondia de formas práticas. Buscava oportunidades para dar de mim mesma, sabendo que aqueles a quem servimos se transformam naqueles a quem amamos. Não precisei ir longe, pois meu marido foi ferido em três pequenos acidentes de carro, no espaço de um ano. Durante os curtos períodos de convalescença, em casa, dei-lhe carinho e atenção. Fui recompensada generosamente com maior amor e apreço por ele.

Compreendi, também, que meu serviço não precisava assumir grandes proporções. Uma vez que meu marido ficava fora de casa a maior parte do tempo, procurava torná-lo o centro de minha atenção, quando ele estava lá. Dizer-lhe algo positivo ou lisonjeiro todos os dias, transformou-se de desafio em hábito. Também evitava criticá-lo, tanto pessoalmente quanto para outras pessoas. Esses

pequenos esforços operaram maravilhas. Como uma planta que estava morrendo e redescobriu a luz e o alimento, nosso amor readquiriu vitalidade.

Encontrei grande conforto e esperança no capítulo vinte e sete de Mosiah, onde um anjo aparece a Alma, o Filho, por causa da fé e orações de seu pai. (Ver versículos 8-17.) Com essa escritura, o Senhor me assegurou que responde às orações proferidas em favor de outros. Tomei a decisão de jamais deixar de orar pelo meu marido. Mais difícil, porém de igual importância, é manter a fé em que, um dia, seu coração mudará.

A caridade, descobri também, é um dom de Deus. Pouco depois do tribunal da Igreja, senti-me, subitamente, cheia de afeição e aceitação por meu marido. Eu ansiava por apoiá-lo e ajudá-lo de todas as formas possíveis. Essa doce sensação permaneceu comigo o tempo suficiente para que eu compreendesse que a desejava para sempre. Oro regularmente, como sugeriu Morôni, "com toda a energia de vossos corações, para que possais ser cheios com esse amor". (Morôni 7:48.)

Meu marido já foi reintegrado na Igreja. Apesar das muitas mudanças positivas, ele ainda não sente o desejo espiritual de comprometer-se e retornar à atividade como antes. Aceitei o fato, contudo, de que só ele pode controlar essas coisas. Em vez de concentrar-me em nossos fracassos, posso agora expressar gratidão pelas coisas certas que estamos fazendo. Descobri, para minha surpresa, que é possível ser feliz em qualquer situação. Também aprendi que, por meio da experiência mais dolorosa de minha vida, consegui meu maior crescimento. □

Nota do Editor: A pedido da autora, deixamos de publicar seu nome.



PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Sabemos como a história da terra, mostrada pelos fósseis, se enquadra na história da terra contida nas escrituras?



*Morris S. Peterson,
professor de geologia na
Universidade Brigham Young,
e presidente da
Estaca Provo Utah Leste.*

Há muita coisa que não sabemos a respeito da criação e da história dos primeiros tempos da terra. O registro escriturístico não é muito detalhado, e o registro da ciência é incompleto. Na verdade, o que imaginamos ser verdade agora, a respeito da história da terra, poderá ser apenas parcialmente verdadeiro à luz de um conhecimento mais amplo. Foi-nos assegurado, contudo, que dia virá em que o Senhor “revelará todas as coisas —

Coisas passadas e coisas ocultas, desconhecidas dos homens, coisas da terra, pelas quais foi feita, seu propósito e fim —

Coisas preciosíssimas, coisas do alto, e coisas de baixo, coisas de dentro da terra, sobre a terra, e dos céus.” (D&C 101:32-34.)

Até esse dia chegar, precisamos confiar no que as escrituras nos ensinam, e no que consideramos ser verdade, com base nas evidências reunidas e examinadas pela ciência.

Somos, na verdade, *incentivados* a buscar conhecimento tanto escriturístico quanto secular, procurando aprender a respeito de Deus e suas criações: “Ensinai diligentemente, e a minha graça vos atenderá, para que sejais instruídos mais perfeitamente

em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do evangelho, e em todas as coisas que pertencem ao reino de Deus, e que vos é conveniente compreender;

Tanto nas coisas dos céus como da terra, e de debaixo da terra; coisas que existiram, que existem, e coisas que logo acontecerão;...” (D&C 88:78-79.)

Os santos dos últimos dias compartilham da convicção do Elder James E. Talmage, de que “no Evangelho de Jesus Cristo há espaço e lugar para todas as verdades até aqui aprendidas pelo homem, e que ainda venham a ser conhecidas”. Com isto em mente, examinemos brevemente algumas conclusões atuais de nossos estudos dos fósseis, comparados com o registro escriturístico.

Deus é o criador de nossa terra e de toda a vida na terra. “No princípio criou Deus os céus e a terra... E Deus criou... toda criatura vivente que se move... E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom.” (Gênesis 1:1, 21, 31.) (N.T. Versículo 21 traduzido diretamente do inglês.)

Entre as formas de vida criadas por Deus, aparentemente havia muitas espécies agora extintas. Rochas com fósseis são comuns na terra, e esses fósseis representam organismos que já viveram, e agora estão preservados como parte da crosta rochosa terrestre.

Ao serem examinadas, essas rochas com fósseis demonstram que, obviamente, existe um padrão muito definido e ordenado. Como escreveu o Elder James E. Talmage (um geólogo), no *Deseret News*, em 21 de novembro de 1931:

“Os geólogos afirmam que a essas formas simples de plantas e animais sucederam-se outras mais complicadas; e, no registro indestrutível das rochas, eles lêem a história do progresso das formas simples de vida para formas mais complexas...”

A seqüência na ocorrência dos fósseis se repete em rochas sedimentares em todo o mundo. Ademais, seja na Austrália, África, Europa, Américas ou qualquer outro lugar, as várias formas de vida na terra surgem e desaparecem ao mesmo tempo. Para o estudioso fiel das escrituras, essa precisão reflete os processos metódicos de Deus, o divino Criador. A seqüência da

criação de vida na terra, como registrada em Gênesis — primeiro plantas (Gênesis 1:11-12), depois animais (Gênesis 1:20-23) — repete-se no registro dos fósseis: a aparição de fósseis de plantas precede o aparecimento de fósseis de animais.

Tal concordância não deveria causar surpresa, uma vez que o Deus que criou esta terra é o mesmo Deus que inspirou os profetas. Só há conflito quando presumimos que Deus já revelou tudo o que pretende revelar sobre o assunto, ou nos esquecemos de que as teorias científicas mudam à medida que se fazem novas descobertas. Precisamos também lembrar-nos tanto dos propósitos das escrituras quanto dos objetivos dos métodos científicos.

Basicamente, as escrituras testificam de Jesus Cristo e



de como podemos receber as bênçãos da salvação e exaltação por seu sacrifício expiatório. Elas revelam *por que* (não necessariamente como) a terra foi criada, e as leis e princípios que a pessoa precisa seguir para obter a vida eterna. A meta da ciência, por outro lado, é descobrir *como* (não por que) o mundo foi feito, e compreender as leis e princípios que governam o mundo físico.

A diferença entre o papel da ciência e o da religião é ilustrada num estudo dos dinossauros. Através de fósseis chegou-se à teoria de que os dinossauros eram os animais dominantes na terra, entre 225 e 67 milhões de anos atrás. Alguns se alimentavam de carne, outros de plantas. Alguns eram pequenos, enquanto outros eram gigantescos, pesando até setenta e duas toneladas e chegando a medir mais de vinte e sete metros.

A existência desses animais é inquestionável, pois seus restos mortais foram encontrados em rochas no mundo inteiro. O propósito eterno que desempenharam na criação e no começo da história do mundo, é desconhecido. As escrituras não discutem o assunto dos dinossauros, e não é propósito da ciência explicar por que eles existiram. Podemos apenas concluir, como fez o Élder Talmage, que “Toda a série de depósitos de greda e calcários encontrados no mar profundo, contém restos de esqueletos de animais. Esses animais viveram e morreram, era após era, enquanto a terra ainda não estava pronta para a vida humana.”

A relação entre as escrituras e aquilo que é presentemente compreendido pela ciência, muda constantemente. A ciência está sempre aprendendo mais sobre a história da vida na terra, e temos todos os motivos para crer que, através de pesquisas, muito mais será descoberto.

O esforço para harmonizar uma passagem de escritura com uma determinada parte de pesquisa científica vem sendo um desafio há séculos. Mas a experiência demonstra que aquilo que uma pessoa sabe hoje, será modificado pelas descobertas de amanhã. Paciência e humildade acabarão resolvendo todas as questões — se não nesta vida, na vida futura.

Felizmente, não precisamos conhecer todos os pormenores da Criação, para nos beneficiarmos das ordenanças salvadoras essenciais do evangelho, e para obedecermos aos padrões divinos de progresso. As escrituras e os conselhos inspirados dos profetas são suficientes para nos guiar de volta a Deus.

Mas isto não significa que a ciência não tem lugar na busca da verdade. Quanto mais aprendemos a respeito da obra de Deus, melhor o conhecemos e mais amamos suas criações. Como um geólogo SUD, considero-me afortunado de ter oportunidade de estudar rochas e fósseis como evidências da criação de Deus. Tudo o que aprendi sobre a grandeza da Criação, fortaleceu minha decisão de aprender mais a respeito de nosso Pai Celestial e de viver como ele deseja que eu viva. □

Qual a posição de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em relação às religiões não-cristãs do mundo?



R. Lanier Britsch,
vice-presidente do corpo docente,
Universidade Brigham Young —
Campus do Havai.

Em 1975, recebi uma carta de um jovem que estava pesquisando a Igreja. Achava-se envolvido com um popular grupo hindu, e pensava que havia encontrado muita coisa verdadeira no hinduísmo. Disse-me que tinha problemas em conseguir um testemunho do evangelho restaurado, porque encontrara verdades em outros lugares.

Em resposta, escrevi-lhe: “Creio que você quer dizer que parece estranho o fato de se poder encontrar elementos da verdade em mais de uma igreja ou movimento religioso... Ora, se os santos dos últimos dias afirmam ter a única igreja verdadeira, por que é tão fácil perceber que outros movimentos religiosos também são portadores de verdades?”

E continuei! “Nunca nos deveríamos surpreender por encontrar a verdade em qualquer parte... A Luz de Cristo está em e sobre todos os homens, e todos os homens honestos têm direito de receber as recompensas de sua bondade.”

Citei Doutrina e Convênios 130:20-21: “Há uma lei, irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos.

E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia.”

Depois lhe disse que, “se qualquer pessoa obedecer a qualquer princípio eterno, ela automaticamente colherá a recompensa por viver aquela lei. Deus dará a cada homem a sua recompensa”. Nós, como santos dos últimos dias, realmente acreditamos que existe verdade em muitas religiões e filosofias. Muitos líderes religiosos bons e grandes viveram na terra. Por seus ensinamentos, eles elevaram a compreensão espiritual, moral e ética de seu povo.

Quando falamos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias como a única igreja verdadeira, queremos dizer que é a única organização autorizada a administrar as ordenanças de salvação. Queremos dizer que é a única organização dirigida por Jesus Cristo, através do ministério terreno de profetas e apóstolos. Embora a Igreja ensine a verdadeira doutrina de salvação, não afirmamos que seja a única

mestra da verdade.

Desde os primeiros dias da Igreja, várias Autoridades Gerais expressaram a posição da Igreja a respeito de religiões não-cristãs: Não só devemos ser tolerantes quanto a suas crenças, como também precisamos respeitá-las. Em 15 de fevereiro de 1978, por exemplo, a Primeira Presidência, constituída pelo Presidente Spencer W. Kimball e seus conselheiros, Presidente Marion G. Romney e Presidente N. Eldon Tanner, emitiram uma declaração oficial a respeito da posição da igreja quanto a outras religiões. Diz ela:

“Baseando-se em revelações antigas e modernas, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias alegremente ensina e declara a doutrina cristã de que todos os homens e mulheres são irmãos e irmãs, não apenas por uma relação consangüínea, através de nossos progenitores mortais, mas também como filhos espirituais literais de um Pai Eterno.

Os grandes líderes religiosos do mundo, como Maomé, Confúcio e os reformadores, como Martinho Lutero e outros, assim como filósofos incluindo Sócrates, Platão e outros, receberam uma porção da luz de Deus. Eles receberam verdades morais de Deus, a fim de iluminar nações inteiras, e de elevar o nível de compreensão dos indivíduos.

Os profetas hebreus prepararam o caminho para a vinda de Jesus Cristo, o Messias prometido, que traria a salvação a toda a humanidade que acreditasse no evangelho.

Tendo em vista essas verdades, cremos que Deus concedeu e concederá a todas as pessoas, conhecimento suficiente para ajudá-las em seu caminho rumo à salvação eterna, seja nesta vida ou na vida futura.

Declaramos também que o Evangelho de Jesus Cristo, restaurado em nossos dias nesta Igreja, nos dá o único caminho para uma vida mortal de felicidade e plenitude de alegria para sempre. Aqueles que não receberam este evangelho, terão oportunidade de recebê-lo na vida após a morte, caso não o recebam nesta vida.

Nossa mensagem, portanto, é de amor e solicitude pelo bem-estar de todos os homens e mulheres, independente de sua crença religiosa, raça ou

nacionalidade, sabendo que somos realmente irmãos e irmãs, porque somos filhos e filhas do mesmo Pai Eterno.”

Esta declaração afirma que: (1) todos os seres humanos são filhos de Deus, e, portanto, irmãos e irmãs; (2) a única forma de obtermos a plenitude da alegria é através do evangelho, como restaurado em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; (3) todos terão oportunidade de aceitar o evangelho, e caso isso não aconteça na mortalidade, sucederá na vida futura; e (4) “grandes líderes religiosos do mundo” (os mencionados especificamente na declaração, assim como muitos outros) receberam “uma porção da luz de Deus”. Certamente, Maomé aumentou a compreensão religiosa e a consciência ética de sua nação, assim como de muita gente fora de seu país. Confúcio deu ao povo da Ásia oriental um padrão ético mais elevado do que o que existia na maior parte do mundo.

Naturalmente, há muita coisa em outras religiões que não podemos aceitar ou desculpar. Freqüentemente as verdades nelas encontradas andam de mãos dadas com superstições, feitiçaria e erros. Em muitas religiões encontram-se padrões éticos, doutrinas ou crenças obviamente valiosos, e que contêm verdades eternas. Ao mesmo tempo, podemos encontrar doutrinas incorretas e, possivelmente, até práticas inspiradas pelos poderes do mal. Precisamos ter consciência dessa mistura de verdade e erro, ao estudarmos outras religiões.

Numa colocação simples, podemos dizer que o mundo é melhor porque boas pessoas de todas as raças, nações, tribos e línguas reconheceram verdades e formas apropriadas de vida, e se esforçaram para compartilhar essas verdades, as quais, por sua vez, ajudaram a preparar o caminho para o evangelho restaurado. Portanto, em relação às religiões do mundo — cristãs ou não-cristãs — nós, santos dos últimos dias, necessitamos desenvolver uma atitude de amizade e boa vontade para com todas as pessoas e todas as religiões.

“Nossa mensagem”, como disse a Primeira Presidência, “é de amor e solicitude pelo bem-estar de todos os homens e mulheres.” □

BÊNÇÃOS PATRIARCAIS

Alguma vez imaginou o que o Pai Celestial espera de você nesta vida? Sabemos que estamos aqui para nos provarmos dignos de retornar ao nosso Pai Celeste. Sabemos que a vida, morte e ressurreição do Salvador mostraram-nos o caminho a seguir. Mas será que o Pai Celestial nos fornece diretrizes individuais?



Certamente! Ele tornou possível a cada um receber revelações pessoais para ajudar-nos a saber o que ele espera de nós. Essas revelações podem ser dadas em nossa bênção patriarcal. A bênção patriarcal identifica os talentos, linhagem e potencial da pessoa. É capaz de motivar, guiar, advertir, aconselhar e consolar.

As bênções patriarcais são mapas espirituais que só podem ser entendidos pelo Espírito; portanto, devem ser lidas com fervor. São-nos conferidas a fim de que possamos ter vislumbres de nossa existência eterna pela perspectiva divina. As bênções pessoais nelas descritas ajudam-nos a compreender quem realmente somos.

A bênção patriarcal é dada por um homem *ordenado como patriarca*. Em cada estaca da Igreja, existe pelo menos um homem ordenado como patriarca. Sua responsabilidade é manter-se espiritualmente preparado para dar bênções patriarcais aos membros dignos de sua estaca. As bênções por ele proferidas são tão importantes, que o Departamento Histórico da Igreja conserva uma cópia das bênções conferidas em todo o mundo.

As bênções prometidas variam de pessoa para pessoa, segundo

suas necessidades. Às vezes pode até parecer que não poderão ser cumpridas, mas precisamos lembrar-nos de que nosso Pai Celestial vê as coisas de uma perspectiva diferente da nossa. Por exemplo, o Élder Thomas S. Monson, segundo conselheiro na Primeira Presidência relata esta história:

“Vários anos atrás, um patriarca deu uma bênção a uma jovem... que morava na Polônia. Na bênção, ele foi inspirado a prometer-lhe que se casaria no templo do Senhor. Hesitou em fazer tal promessa, pois não havia absolutamente modo algum de a jovem sair da Polónia para casar-se num templo. Mas ele seguiu a orientação do Espírito e fez a promessa.

Depois de conferir a bênção, o patriarca procurou-me em meu escritório e perguntou: — Eu fiz a coisa certa? — Respondi-lhe que um homem faz a coisa certa, sempre que segue os sussurros do Espírito Santo. Disse ele: — Mas eu fiz uma promessa que não pode ser cumprida. — Respondi-lhe: — Vamos confiar no Senhor com todo nosso coração... — Dois anos depois, foi assinado um pacto entre a Polónia e a Alemanha, o qual permitia que as pessoas de origem germânica retornassem à Alemanha Ocidental. Aquela encantadora

Assim como José nos
bênção patriarcal de
bênções patriarcais p



jovem mudou-se para a Alemanha, onde estaria livre para ir ao templo do Senhor, quando chegasse a hora de seu casamento.” (Conferência de Área Escandinava, agosto de 1976, p. 10.)

Quando Receber a Bênção

Qualquer experiência importante na vida é mais significativa quando estamos preparados para ela. Como os membros da Igreja normalmente recebem apenas uma bênção patriarcal, esta experiência sagrada deve acontecer no momento certo e da maneira apropriada. O Élder Eldred G. Smith, Patriarca da Igreja,

os antigos recebeu uma
pai, Jacó, podemos receber
nos guiar nestes últimos dias.



"Jacó Abençoa a José", quadro de Harry Anderson

aconselha: "É recomendado com instância que não seja antes dos doze anos, mas a idade em si depende inteiramente de cada um. Deve acontecer na época em que a pessoa tem o desejo de ser útil aos outros, quando pretende fazer a obra que o Senhor quer que faça." (Citado em "Cursos de Estudo da Sociedade do Socorro", 1981-82, p. 62.)

Os jovens geralmente recebem a bênção patriarcal durante a adolescência, quando começam a pensar seriamente sobre o rumo que desejam dar à sua vida. (Naturalmente, as bênçãos patriarcais são para pessoas de todas as idades, tenham elas nascido na Igreja ou sejam conversas.)

Preparação para Receber a Bênção

Quando você se julgar digno e preparado para receber a bênção patriarcal, será entrevistado pelo bispo ou presidente do ramo. Se ele achar que está preparado, fornecerá uma recomendação para a bênção. Marca-se, então, uma hora com o patriarca. Caso não haja um patriarca local, outras providências poderão ser tomadas, pelo presidente da estaca ou missão.

Receber a bênção patriarcal deve ser uma coisa muito pessoal para você e/ou seu filho. Para tanto, é aconselhável procurar a orientação do Senhor em jejum e oração. Você poderá ler o relato das bênçãos patriarcais de Jacó aos seus doze filhos, especialmente a de José. Esta leitura irá familiarizá-lo com o tipo de linguagem usado nas bênçãos.

Como Beneficiar-se de uma Bênção

O cumprimento de uma bênção patriarcal depende da dignidade da pessoa para receber suas bênçãos e benefícios. O Senhor pode prometer bênçãos, mas não nos pode forçar a recebê-las.

A bênção patriarcal é uma

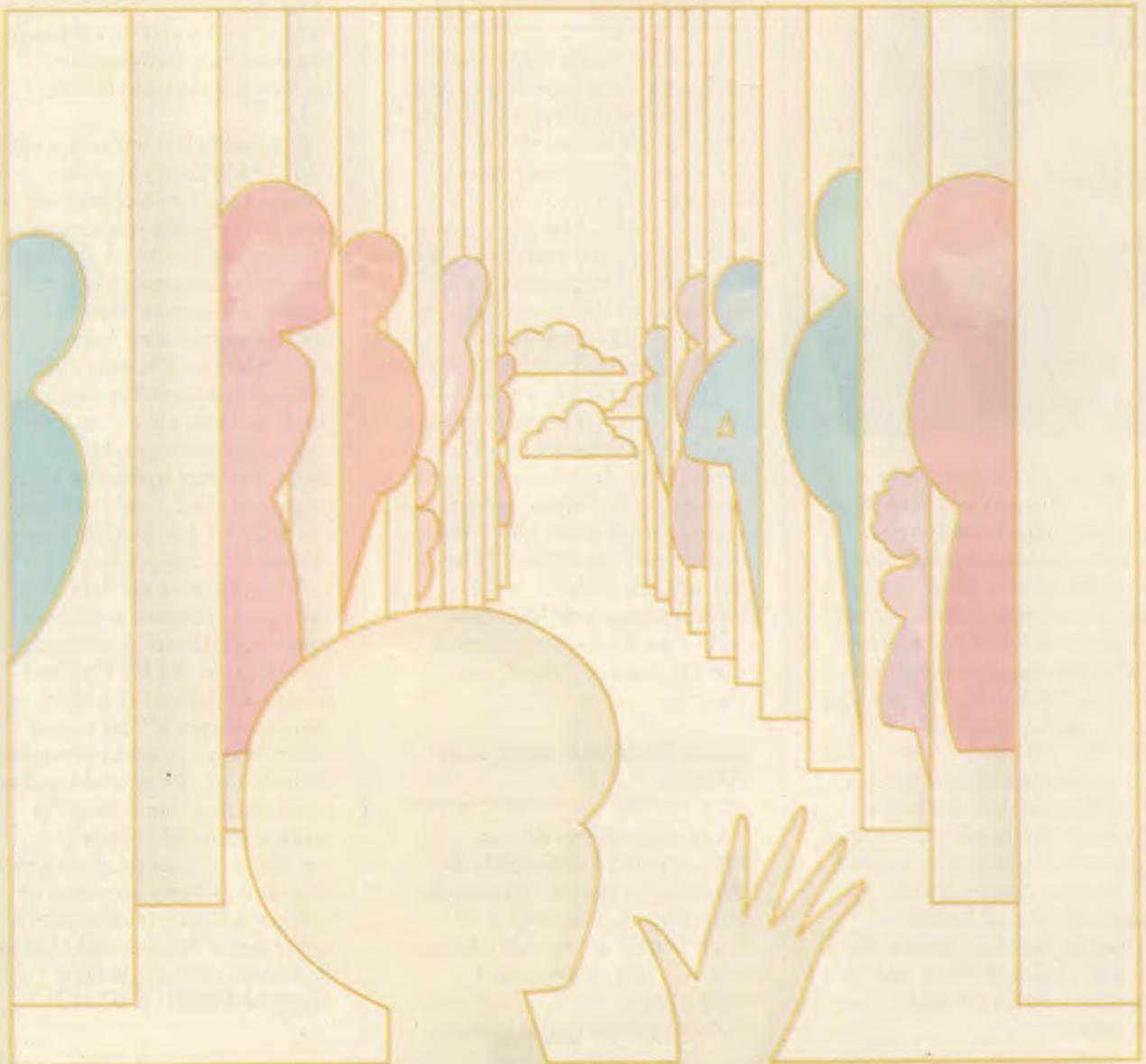
bênção pessoal do Senhor. A obediência aos mandamentos do Senhor e o estudo do evangelho ajudam-nos a compreender melhor o significado de suas palavras.

É aconselhável fazer uma cópia da bênção patriarcal para consulta regular, e outra para ser guardada em segurança nos arquivos da família. À medida que amadurecemos, a leitura regular e fervorosa dessa grande bênção aprofundará nosso entendimento. Por outro lado, esse registro sagrado e pessoal não deve ser mostrado e discutido indiscriminadamente. É destinado principalmente ao uso da pessoa que o recebeu. Pode, contudo, ser lido pelos familiares, em ocasiões apropriadas.

A leitura de nossa bênção patriarcal pode-nos ajudar em momentos difíceis, lembrando-nos de quanto o Pai Celestial nos ama. "Sentem-se e leiam sua bênção patriarcal", aconselha o Élder Smith, "quando estiverem perturbados, desanimados, aflitos e insatisfeitos com a vida. Às vezes, a leitura da bênção patriarcal consegue dar coragem e levar-nos de volta ao ponto de partida, a fim de retomarmos o rumo certo." (Citado em Cursos de Estudo da Sociedade do Socorro 1981-82, p. 63.) □

"A QUEM DEVEREI TEMER?"

Pergunte a cinco amigos diferentes do que é que têm medo, e provavelmente obterá cinco respostas diferentes. Uma delas poderá ser fazer novas amizades. Outra, os exames escolares. Às vezes, é o desconhecido que nos preocupa. Muitos de nós temos medo de compartilhar o evangelho com os amigos.



Se já se sentiu assim, gostaria de que conhecesse Anna Ruth Aaron, de quinze anos, da Ala Um de Lubbock, Texas. Ela também tinha medo, até procurar fazer a obra missionária.

"Eu tinha medo de falar com minhas amigas sobre a Igreja", conta Anna Ruth. "Mas sempre fui muito franca sobre o fato de ser mórmon. Minhas amigas conhecem meu ponto de vista a respeito de beber e fumar. Nas festas, se alguém que não me conhece tenta convencer-me de fazer algo contra meus padrões, minhas amigas o mandam parar."

"Sempre sonhei em ser missionária e levar uma de minhas amigas, ou mesmo o grupo todo, para a Igreja."

Os sonhos têm um dom de fazer com que os temores desapareçam. Pelo menos foi isso que Anna Ruth descobriu, quando começou a falar sobre a Igreja com uma boa amiga.

"Eu conhecia Diane Swann há pouco tempo, mas, desde o primeiro dia de aula, tornamo-nos ótimas amigas. Começamos a voltar para casa e a fazer outras coisas juntas. Certo dia, quando estávamos voltando da escola, algo me disse: — Peça-lhe... peça-lhe... peça."

Então eu disse: — Diane, posso pedir-lhe uma coisa? Nunca fiz isto antes, e admito que estou com medo, mas gostaria de que você conhecesse os missionários da minha igreja. Você poderia ouvir uma das palestras deles que explica como é a minha igreja. Se não quiser, compreenderei, e isso não vai afetar nossa amizade.

Diane respondeu: — Posso ouvir uma palestra, mas quero que você saiba que não vou pertencer à sua igreja.

Anna Ruth providenciou a primeira palestra, Diane compareceu, e o espírito presente foi muito bom. Ela perguntou à mãe se poderia continuar ouvindo as palestras, e a mãe concordou. Contudo, avisou que Diane não se filiaria à Igreja. Diane ouviu todas as palestras, os missionários a desafiaram para o batismo, a mãe consentiu — e Diane entrou para a Igreja."

Como Diane reagiu ao convite feito por Anna Ruth?

"Não fiquei ofendida, mas surpresa", conta ela. "Minha mãe ficou surpresa, quando eu lhe disse que estava interessada na Igreja, porque em nossa casa não se falava muito em religião. Meu irmão

caçou de mim, mas mamãe deu-me todo apoio, e foi ao meu batismo. Acho que é uma ótima idéia falar sobre a Igreja com os amigos, porque, se Anna Ruth não tivesse feito isso por mim, eu não estaria na Igreja. Não tenham medo de perguntar."

O sonho de Anna Ruth de ser missionária entre suas amigas continuou a crescer — inesperadamente.

"Minha amiga Dawn ouvira Diane e eu conversando sobre a Igreja e, certo dia, mencionou que talvez estivesse interessada também", conta Anna Ruth. "Fiquei muito feliz. A conferência das moças de nossa estaca se realizaria na semana seguinte, e um dos líderes do sacerdócio de nossa ala dissera que tinham um fundo especial para alguém levar uma moça que não fosse da Igreja à conferência. Então minha mãe providenciou que Dawn pudesse ir. A conferência foi realmente inspiradora, e Dawn me disse que desejava ser batizada. Na semana seguinte, começou a ouvir as palestras e pouco depois foi batizada."

E Anna Ruth descobriu que seu sonho não terminara com o batismo de Dawn. "Logo depois do batismo de Dawn, outra amiga que conhecia há anos disse-me que queria ir à igreja comigo no domingo!"

Como será que Anna Ruth Aaron se sente agora a respeito de sua obra missionária?

"É indescritível", diz ela. "Você se sente tão feliz! Para mim, a maior alegria será que elas permaneçam ativas na Igreja e cresçam nela."

Incentivo os jovens de todos os lugares a dizerem às pessoas que são membros da Igreja. Quando forem inspirados a compartilhar o evangelho, façam-no, e prestem testemunho quando tiverem vontade. É tão importante compartilhar o evangelho, dar a outros a oportunidade de conhecer e sentir a grande alegria, paz e serenidade que a Igreja nos dá. Eu amo o evangelho de todo o coração e desejo compartilhá-lo com todas as pessoas que vejo."

Isto é o que pode acontecer a alguém que tem um pouco de medo de falar sobre o evangelho com uma amiga. □

Kathleen Lubeck



Amanhã de verão estava clara e fresca, e eu me encontrava às margens do Rio Snake (Cobra), em Idaho. Pensava nas belezas da natureza que me cercavam, e na obra de um Pai Celestial sábio. Ali perto ficavam as comportas do dique que controlava o fluxo de água do rio para os canais de irrigação que mantinham os campos férteis.

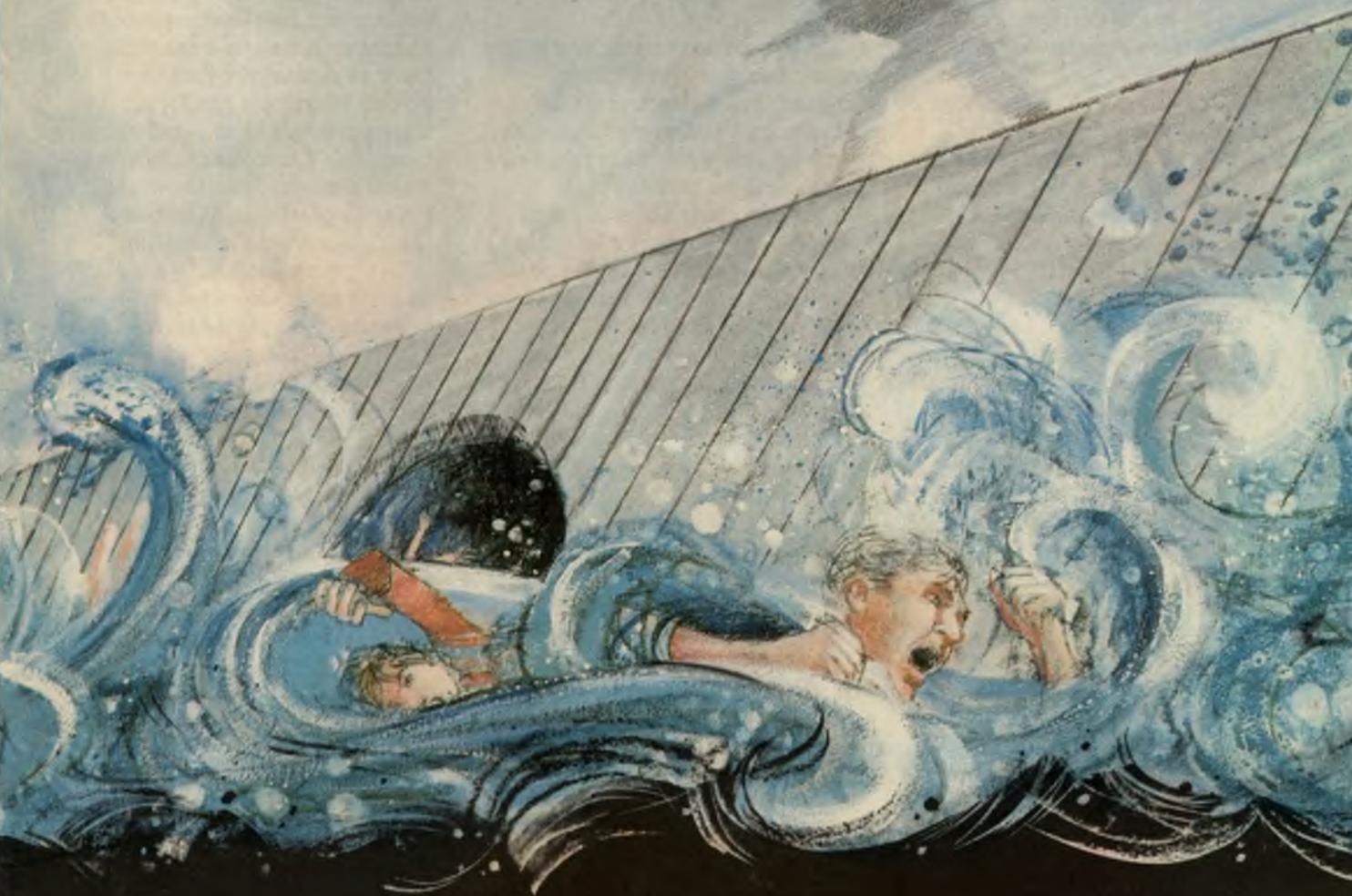
Em pensamento e contemplação profunda, observei um pequeno objeto, a grande distância, rio acima. Ao chegar mais perto, vi que era uma balsa de borracha. Somente alguns minutos mais tarde consegui perceber o que parecia uma família, sentada na pequena embarcação. Adiante deles, o rio fazia uma curva, bem ali onde eu me encontrava. A água era profunda e fluía

rapidamente. Não havia perigo em seguir o curso principal do rio, e centenas de pessoas o faziam todos os anos. Mas percebi que a família enfrentava problemas para dirigir a balsa ao contornar a curva, e a embarcação estava sendo sugada perigosamente para os túneis de concreto que levavam a água aos canais de irrigação.

Vi que a balsa parara encostada à boca de um dos

A PROMESSA

Élder Devere Harris do Primeiro Quorum dos Setenta



túneis e que corria perigo de ser sugada para dentro dele. Divisei os ocupantes da balsa, um casal jovem, a avó e dois meninos pequenos de pé, tentando fazer com que a embarcação seguisse a parede de concreto até a beira do rio, onde estaria em segurança. O pai estendeu a mão em minha direção e gritou: "Ajude-nos!" Oh, como

desejava ajudá-los! Estendi a mão o quanto me foi possível, mas quando ele, desesperadamente, tentou alcançá-la, a balsa virou. Com todos os cinco membros da família, foi puxada pela correnteza da água para dentro do túnel.

Fiquei horrorizado! Meu primeiro pensamento foi que dentro do túnel seriam apanhados pelas barras de ferro verticais ali colocadas para reter os galhos de árvore que desciam

pelo rio. Virei-me para ver se sairiam pela outra extremidade do túnel em direção aos canais de irrigação.

A água que saía do túnel de concreto formava ondas espumosas de três metros de altura. Vi o pai aparecer através das ondas, e depois a mãe. Ambos pareciam ser bons nadadores. Ouvi a avó gritando.

Fora jogada cerca de cinqüenta metros rio abaixo, e, aparentemente, não sabia nadar. Corri ao longo do rio e consegui trazê-la para a margem em segurança.

Todos nós nos encontramos na margem, aterrorizados. Onde estavam os dois menininhos? A mãe gritava a plenos pulmões. O pai corria para cima e para baixo, ao longo do rio, mas nenhum dos dois voltou à superfície.

Naquele momento, um carro veio em nossa direção. Expliquei rapidamente ao motorista o que acontecera, e ele foi em busca de socorro. Em alguns momentos, já havia uma multidão reunida. Barcos a motor começaram a vasculhar o canal, mas de nada adiantou. As duas crianças não foram encontradas.

A Felicidade Transformada em Dor

Em momentos de crise e tragédia, passam-nos pela mente muitos pensamentos e perguntas. Minha cabeça estava zozna. Num segundo, eu vira uma família feliz, transformada numa família em pânico, dor, tristeza e solidão, apenas por não haver previsto uma curva no rio, somente porque a água impetuosa os havia sugado para o canal errado, afastando-os do curso correto. Meu coração

encheu-se de dor por aquele jovem casal, vendo seu olhar de desespero e sua expressão de dor.

Voltando para casa, sentia-me muito perturbado. Dois menininhos haviam morrido. Mas, o que é a morte? Somente uma separação temporária para aqueles que, no templo, planejaram formar uma família eterna. Percebi que não sabia nada a respeito da família cuja tragédia eu presenciara, mas orei para que, eventualmente, seus sobreviventes encontrassem conforto e paz no amor de nosso Pai Celestial.

Mas o que dizer de pais, cujo filho ou filha foi sugado para o caminho da tentação e do erro? Um filho ou filha que perde o testemunho, a fé, e, às vezes, até a esperança? Tenho visto famílias felizes se tornarem tristes, sofrendo a vida toda por um de seus membros ter-se desviado do caminho certo.

É Preciso Efetuar Escolhas Certas

Jovens, viveis num mundo em rápida mutação. É preciso que penseis claramente e efetueis escolhas certas. Uma parte tão grande de vossa vida futura dependerá de vossas escolhas agora. É preciso que eviteis os caminhos que levam ao pecado.

Em alguns momentos de descuido, na jornada da vida,

pode insinuar-se o pecado, causando pânico, dor e tristeza em vossa vida e na de vossos entes queridos. Certas pessoas acham que viver o evangelho e fazer as coisas que lhes são pedidas significa perder a liberdade, e elas se rebelam, dizendo: "Quero ser eu mesma, quero ser livre, não viver limitada por todas as regras e regulamentos do evangelho."

Comparai tal atitude à vasta maioria de nossos jovens que se agarram à "barra de ferro" (vide 1 Néfi 8:19-30), e guardam os mandamentos de Deus, compartilham o evangelho, pagam dízimo e ofertas, estudam as escrituras, freqüentam as reuniões e organizam sua vida para que possam proporcionar felicidade aos que os rodeiam e a si mesmos. "Estou obrigado quando fazeis o que eu digo", afirma o Senhor, "mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma." (D&C 82:10.)

Temos a promessa de que, vivendo dignamente, poderemos retornar à presença do Pai Celeste e herdar tudo o que é dele. Ele espera que sejais bem sucedidos nessa meta. Ele forneceu o meio, e o curso da vida está claramente demarcado. Não permitais que vos atraiam para as tentações, pois elas não só vos privariam das bênçãos da vida física, mas também da vida eterna. □

Como evidenciado pela violência, guerras, fome, devastações e forças destrutivas da natureza noticiadas pela imprensa todos os dias, estamos obviamente vivendo na época de grande confusão predita pelo Senhor, quando disse: "E naqueles dias... toda a terra estará em agitação, e os corações dos homens falharão." (D&C 45:26.) Quando o coração dos homens falha, graves preocupações nos podem fazer perder a autoconfiança, essencial ao nosso sucesso. Em nossos dias, o apoio amoroso de amigos e companheiros é vital.

Esse apoio amoroso é importantíssimo, mesmo para aqueles que parecem não ter necessidade dele. Os homens que trabalham o ferro, por exemplo, têm a reputação de serem fortes e corajosos. São eles que constroem a estrutura de aço de edifícios e pontes. Algumas dessas estruturas chegam a atingir mais de cem andares, e eles caminham pelas vigas estreitas durante a sua montagem. Algumas das pontes que constroem ficam sobre águas com centenas de metros de profundidade, e eles andam sobre os estreitos suportes que posteriormente arcarão com o peso do concreto e do tráfego intenso.

Esses trabalhadores precisam estar sempre atentos e ter muito cuidado, pois um passo em falso poderá terminar em morte. É indispensável que mantenham a atenção naquilo que estão fazendo. Muitos acidentes que resultaram em ferimentos e morte, tiveram origem em desatendimentos no lar ou numa carga pesada que afetou as emoções, desviando sua atenção do trabalho. Embora sua profissão lhes dê a reputação de serem insensíveis aos riscos, eles representam um grupo de cidadãos normais, cujos

QUANDO FALHA O CORAÇÃO DOS HOMENS

Elder Royden G. Derrick
do Primeiro Quorum dos Setenta



sentimentos, preocupações, responsabilidades e características são como as de qualquer outra pessoa. Um traço que precisam ter bem forte, entretanto, é a autoconfiança. Precisam ser destemidos.

Paulo era um trabalhador experiente. Estava na profissão há mais de trinta anos, e já trabalhara em quase todo tipo de serviço nessa área, o que lhe dera grande experiência. Caminhara sobre vigas estreitas a centenas de metros do chão, e fizera milhares de conexões nas extremidades das vigas, tendo muitas vezes que arrastar-se para atingir o ponto em que teria de realizar a tarefa. Os trabalhadores que fazem as

conexões são os que enfrentam maiores riscos, e seu trabalho requer a maior dose de coragem. Paulo era admirado por seus companheiros como homem de grande coragem e estabilidade.

Certo dia, estava trabalhando com uma equipe de operários nas acidentadas montanhas do Colorado, quando desabou uma tempestade inesperada. A chuva caía forte, relâmpagos riscavam o céu, trovões explodiam por todos os lados, e o vento soprava com fúria. Os operários desceram rapidamente, e se reuniram na barraca para esperar o fim da tormenta.

Já estavam lá havia uns quinze minutos, quando alguém perguntou: "Onde está Paulo?" Não se encontrava na barraca. Saíram e olharam para cima. Lá estava ele, de pé numa viga, com os braços agarrados fortemente a uma coluna de aço. Chamaram-no mas não obtiveram resposta. Dois dos homens subiram até onde ele estava e encontraram-no paralisado pelo pânico. Seus braços se agarravam tão fortemente à coluna que foi preciso muito esforço para soltá-los. Então, prenderam-no a um cabo e o baixaram até o chão. Ele estava aterrorizado.

Levaram-no para a barraca e o aqueceram junto ao fogo. Uma hora depois, a tempestade cessou, o tempo voltou ao normal, o sol saiu com força e os passarinhos começaram a cantar nas árvores. A equipe voltou ao trabalho, mas Paulo ficou para trás. Perdera a coragem, e tinha medo de voltar às alturas.

O capataz reconheceu o problema. Não era uma coisa da qual Paulo deveria envergonhar-se. Acontece ao melhor dos homens. A situação requeria cuidado e atenção. Se Paulo não subisse agora, nunca mais o faria. A fúria da tempestade, aliada ao risco do trabalho, haviam quebrado a fibra de um

veterano. Só ele próprio poderia consertar o estrago. Mas precisava de um braço amigo, como nunca necessitara antes.

O inteligente capataz colocou o braço nos ombros de Paulo e lhe assegurou que o que lhe acontecera poderia ter sucedido com qualquer um. Mandou que voltasse ao trabalho e afirmou ter total confiança de que era capaz de fazê-lo. Paulo sabia que o capataz estava certo. Todos os homens do seu ofício sabem que precisam voltar. Paulo sabia que tinha de ser agora. Seria muito mais difícil amanhã, se não voltasse hoje, e, dentro de uma semana, seria impossível.

Finalmente, obrigou-se a subir na estrutura de aço e voltar a trabalhar. Suas pernas estavam fracas, e seu corpo tremia. Ao subir no aço e cuidadosamente continuar a tarefa, recebeu dos membros do grupo aplausos encorajadores. Àquilo lhe deu a força e confiança de que necessitava.

Paulo voltou ao trabalho e, procurando acompanhar o ritmo dos outros trabalhadores, foi pouco a pouco readquirindo a confiança. Se o capataz não tivesse sido compreensivo, ou se seus companheiros o tivessem criticado, provavelmente ele não teria conseguido retornar. Paulo descobriu que seus companheiros eram verdadeiros amigos, pois o haviam compreendido, e apoiado num momento de grande necessidade.

O que fez esse homem de tanta experiência, coragem e autoconfiança deixar-se vencer pelo medo? Os médicos descrevem seu estado como de extrema ansiedade. "A ansiedade é um estado específico de tensão desagradável, que indica a presença de algum perigo para o indivíduo. Quando o perigo é real, chamamos de medo; quando é imaginário, de ansiedade (idéias conscientes ou inconscientes de natureza atemorizante)." (Weiss and English, *Psychosomatic*

Medicine, 2ª edição, p. 22.)

Na agitação e lutas de nossa sociedade atual, muitos sentem-se frustrados, assoberbados por ansiedades e temores. Quando um indivíduo se esforça para readquirir estabilidade e autoconfiança, é vital que os amigos coloquem um braço no seu ombro, assegurando-lhe que não está sozinho, que terá sucesso em seu esforço para retornar. Com muita frequência, nós enfraquecemos essas pessoas, através de comentários irrefletidos e falta de compreensão, ao invés de encorajá-las com sincero amor e solicitude.

O Salvador falou sobre esse amor e companheirismo, nesta parábola: "E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória;

E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas;

E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda.

Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.

Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber?

E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos?

E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mateus 25:31-40.) □

Ilustração de Rob Calvin



Os operários dirigiram-se rapidamente para o elevador, a fim de escaparem da tempestade. Então, alguém perguntou: "Onde está Paulo?"



As pessoas reagiam à nossa solicitação com uma frieza semelhante ao vento gelado. Era difícil não desanimar.

Sue Draper

O inverno daquele ano era o mais frio em muitos anos, naquela parte do país. A neve caía, e a temperatura baixava dia a dia. Logo o chão ficou congelado, e o rio começou a cobrir-se de gelo.

Eu estava em missão no sul da França, e fora para aquela área, esperando encontrar as condições climáticas normais dos invernos amenos e verões agradáveis. Nosso apartamento, como quase todos da região, havia sido construído para um clima ameno. As paredes não tinham isolamento, e os canos de água eram presos às paredes externas do edifício. Isso era econômico e adequado para a região.

Com o passar dos dias, o tempo foi esfriando cada vez mais, assim como a atitude das pessoas, que se mostravam ainda menos receptivas a nós. Nossos contatos com elas foram ficando cada vez mais difíceis.

Logo descobrimos que, no centro da cidade, os canos estavam congelando, deixando as pessoas sem água. O congelamento espalhava-se como uma praga, e nós esperávamos que não atingisse a parte da cidade onde morávamos. Observávamos e esperávamos ansiosamente, mas não demorou muito para que acordássemos certa manhã num apartamento gelado e sem água. Muitos moradores de nosso prédio tinham família ou

amigos nas cidades vizinhas ou um poço no quintal. Naturalmente, não nos encontrávamos entre os felizardos.

Fizemos o melhor possível para sobreviver nessas condições difíceis, comprando água engarrafada, muito cara, para beber. Caminhávamos vinte minutos, todas as manhãs, até a capela, para nos lavar e cozinhar. Depois de algum tempo, achamos que seria bom ter um balde d'água em nosso apartamento, para lavagem e para emergências. Decidimos gastar algum tempo de nosso dia de preparação descobrindo alguém que ainda tivesse água corrente e nos desse um balde dela.

Logo verificamos que a frieza encontrada no trabalho missionário regular, se repetia diante de nosso pedido de um balde d'água. As pessoas reagiam à nossa solicitação com uma frieza semelhante ao vento gelado. A resposta típica que recebíamos, era: "Se eu lhes der a minha água, o que vou beber? Quanto mais eu der, menos terei." Era difícil não desanimar. O tempo passava sem nenhum sucesso, e decidimos tentar uma última porta, antes de voltar para casa.

Aproximamo-nos da porta e batemos. Foi interessante comparar aquele dia de trabalho com o que fazíamos nos outros dias. As pessoas não compreendiam o significado daquilo que



O BALDE D'ÁGUA

estávamos procurando reparar com elas. Realmente não se importavam com o que fazíamos. Sabiam apenas que estavam ocupadas e não desejavam ser incomodadas por duas missionárias estrangeiras, usando longos casacos e um crachá preto.

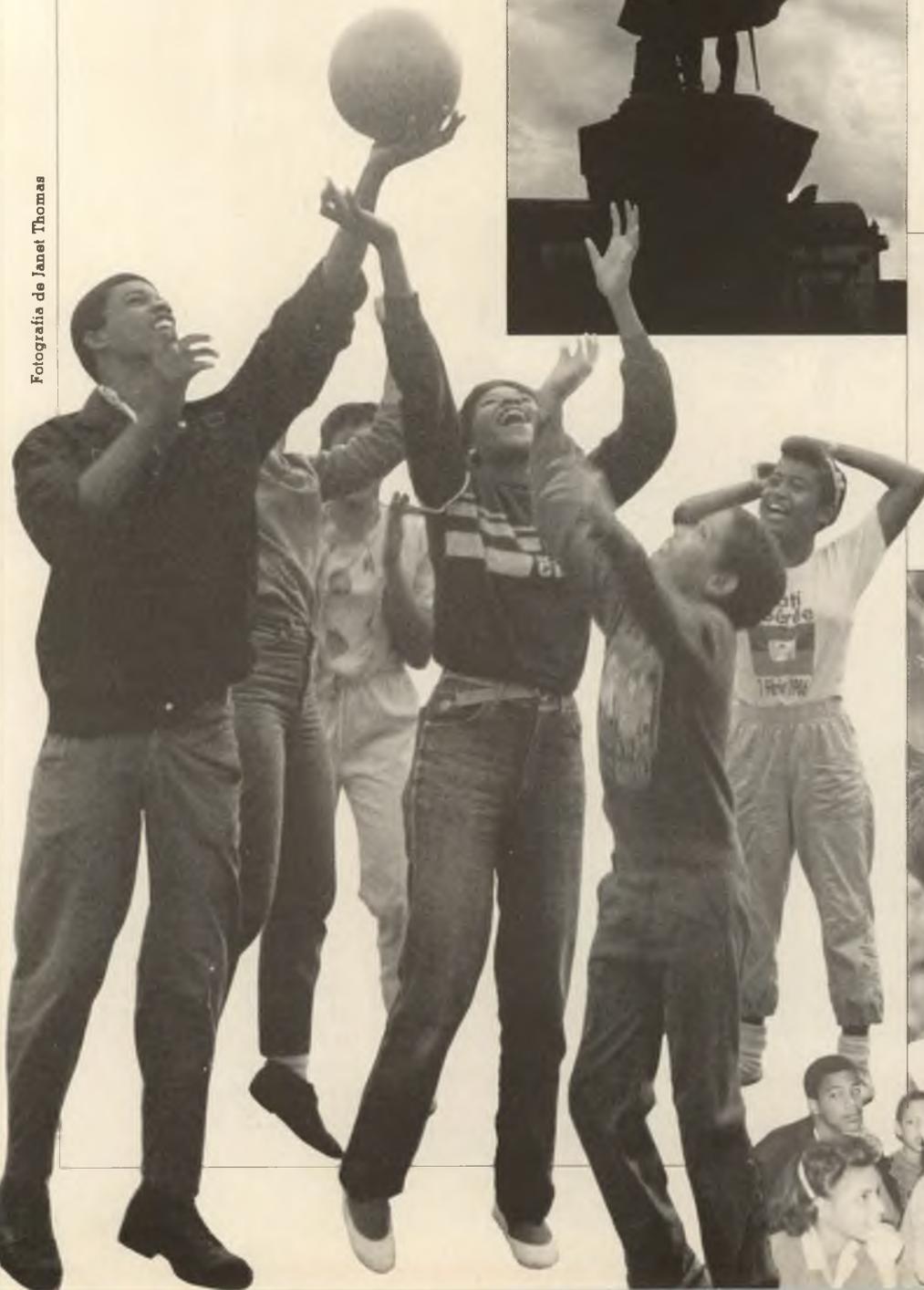
Uma mulher abriu a porta e olhou-nos com simpatia, quando nos apresentamos e explicamos nosso problema. Logo veio a resposta, e, a princípio, soou como as outras: "Um balde d'água?" perguntou.

"Um balde d'água — só isso? Dou-lhes dois, três ou dez, ou mais ainda. Podem voltar quando quiserem, porque, se der a minha água, os canos jamais congelarão. Quando a água está correndo, não congela. De certa forma, quanto mais eu dou, mais recebo de volta."

Essa mulher, num país distante de nosso lar, estava vivendo como o Salvador nos ensinou, quando disse: "Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me." (Mateus 25:35.) □

REPÚBLICA DE FÉ

Adolescentes
recebem a luz
sempre crescente
do evangelho na
República
Dominicana



Lisa A. Johnson

Com o estrondo de um trovão, as luzes se apagam na classe matutina do seminário em São Domingos, capital da República Dominicana. Alguém vai buscar uma vela. O animado debate de escrituras continua quase sem interrupção, e ainda se podem ouvir os alunos lendo os versículos, acima do som da chuva que bate no telhado.

Mas, esperem um minuto! A sala está totalmente escura, e não há maneira de os alunos enxergarem os livros. Eles não estão lendo. Memorizaram as escrituras do dia, e as estão repetindo. Memorizam cerca de dez passagens por dia.

Esse tipo de diligência e devoção não é incomum entre os jovens da Igreja, na República Dominicana. A Igreja não é algo em que se pensa só aos domingos. O seminário é mais que uma coisa que fazem de manhã. O evangelho é uma força poderosa na vida deles, aplicada no dia-a-dia.

Uma jovem, por exemplo, desejava muito freqüentar o seminário, mas seus pais achavam que seria muito complicado. Assim, disseram-lhe que teria de fazer todas as tarefas domésticas antes de sair. Deram-lhe uma longa lista. Para grande surpresa deles, ela começou a levantar-se às quatro horas da manhã, para terminar todo o trabalho antes do início do seminário.

Alguns alunos precisam caminhar trinta minutos, por estradas lamacentas, a fim de

freqüentarem as aulas do seminário, todas as manhãs, mas jamais chegam atrasados. Dizem que o esforço vale a pena. "Amamos a Igreja", afirma Wally Ventura, da Ala Orzama. "Somos tão gratos por ela, que, por mais que fizermos, não será suficiente."

A maioria deles acha que nunca faz o suficiente. Quando terminam as aulas, à tarde, muitos jovens se reúnem na ala para ensaiar hinos, jogar vólibol ou basquete, ou estudar. À noite, após o jantar, acompanham os missionários de tempo integral ou ajudam na programação da "Noite da Amizade". Esses programas de confraternização são organizados pelos membros da ala, para pesquisadores. Geralmente, compõem-se de filmes, testemunhos, discursos, jogos e lanche, para familiarizar os visitantes com a Igreja e fazê-los sentir-se à vontade. Em geral, são os jovens que planejam toda a atividade.

Embora a Igreja tenha sido organizada na República Dominicana há cerca de nove anos, hoje conta com mais de onze mil membros. Não é incomum a realização de mais de trezentos batismos por mês.

Onde fica e o que é exatamente esse lugar em que a obra missionária tem tanto sucesso, e os jovens são tão fortes? A República Dominicana divide a Ilha de São Domingos, chamada antigamente de Hispaniola, com o Haiti. É uma ilha tropical, nas Antilhas, a

oeste da ponta meridional do México e ao norte da Venezuela.

Como acontece em muitos países de clima ameno, as pessoas gostam de fazer compras nas feiras, onde se encontram frutas e legumes chamados *zapote*, *guanabana*, *lechosa* e *granadillo*.

As casas, vivamente coloridas, são construídas com alpendres para a entrada da brisa, dos vizinhos e parentes. Há muita proximidade entre vizinhos, tanto social quanto física.

Esse aspecto é muito útil para a obra missionária. Quando os missionários começam a trabalhar numa área, todo mundo sabe quem são. Quando uma família começa a ouvir as palestras, os vizinhos ficam curiosos. Uma jovem disse que se interessou pela Igreja, porque passava pela janela de um vizinho e sempre via a família estudando o Livro de Mórmon. Não sossegou enquanto não descobriu o que estavam lendo.

Os adolescentes dominicanos têm dia a dia mais oportunidades de falar sobre a Igreja. Como o número de membros aumenta com muita rapidez (em algumas escolas há até trinta jovens da Igreja), os professores estão notando e fazendo perguntas aos "mormones" sobre sua religião, durante as aulas. Nem sempre as perguntas são gentis, e nem sempre são fáceis; contudo, através de orações e inspiração, os jovens conseguem responder à maioria delas. Por causa disso, alguns de seus colegas fazem mais perguntas, depois da aula.





A maioria dos dominicanos é extrovertida e bem-humorada, e também muito orgulhosa de sua herança. Cristóvão Colombo aportou na ilha deles durante uma de suas viagens ao Novo Mundo. São Domingos, a capital, é a mais antiga cidade do Novo Mundo, e a República Dominicana pode afirmar que possui a primeira universidade da América.

Quando os espanhóis se estabeleceram na região, muitos dos índios nativos morreram, mas os que sobreviveram transmitiram sua herança lamenita a alguns dominicanos de hoje. Os franceses governaram a ilha durante algum tempo, e trouxeram escravos para trabalhar em suas plantações. A cultura dominicana atual é uma mistura de influências espanholas, índias, francesas e africanas.

Um resultado maravilhoso dessa mistura é a graciosa e movimentada dança nacional, chamada merengue. Não precisa ser dançada com um par, mas é vista em muitas atividades da Igreja. O merengue é tão natural para a maioria dos dominicanos, como o riso.

É interessante notar que o merengue tocado ou dançado se torna uma prova particularmente difícil para os jovens dominicanos. Parece que os melhores conjuntos de merengue dão concerto aos domingos. Embora os jovens ouçam merengue durante a semana, aos domingos seus rádios permanecem silenciosos.

Esse tipo de dedicação ajuda a prepará-los para metas futuras. "Quero cumprir missão", afirma

Johnny Ubiera, de dezessete anos, do Ramo de Mendoza. Ele passa muito tempo preparando-se para a missão, freqüentando o seminário, lendo as escrituras e trabalhando com os missionários de tempo integral. Quase metade da força missionária do país é constituída de dominicanos natos, e essa porcentagem está aumentando.

Pedro Rodriguez sabia que desejava cumprir missão, mesmo antes de ser batizado. Diz ele a respeito de sua conversão: "Fui convidado para uma atividade da Igreja com alguns amigos, e fiquei realmente impressionado. Comecei a ler as escrituras sozinho, e sabia que desejava ser um missionário e compartilhar o que aqueles livros continham, com todas as pessoas. Fui batizado logo depois, e agora espero ansiosamente o tempo de sair em missão."

Naturalmente, entrar para a Igreja nem sempre é um passo fácil. Muitas vezes os pais, amigos, irmãos e irmãs não compreendem. "A coisa mais difícil de fazer", disse Llissel Ventura, "é explicar aos nossos amigos por que seguimos a Palavra de Sabedoria. Muitos fumam, bebem e tomam drogas. Eles caçoam de nós. Mas eu tomo meu suco de laranja, e me sinto feliz."

Luis Espinal encontrou uma solução interessante para esse tipo de pressão do grupo. "Conheço pessoas que têm vícios que gostariam de eliminar", diz ele, "mas acham que não existe ninguém para ajudá-las. Procuro ser um bom amigo e levo-as à Igreja.

Algumas não ficam, mas outras continuam a ir, e algumas são batizadas."

Por toda a República Dominicana, encontramos adolescentes com esse desejo de ajudar os outros. Na verdade, quando lhes perguntamos o que gostariam de que o resto do mundo soubesse a respeito deles, os jovens dominicanos respondem:

"Digam que nós os amamos e que gostaríamos de conhecê-los algum dia."

"Digam que formamos uma equipe."

"Digam que é bem *chevere*, realmente fantástico, ser membro da Igreja."

"Digam que a Igreja é muito importante em nossa vida. Podemos ser diferentes de outros adolescentes SUD, em alguns aspectos, mas todos temos as mesmas metas e sonhos."

"Digam que sabemos que a Igreja é verdadeira e que Deus nos ama a todos. O Salvador fez algo maravilhoso por nós — ele pagou nossos pecados. Deu-nos a luz, e estamos procurando fazer com que nossa luz brilhe, para que aqueles que nos cercam também possam enxergar."

A luz de Cristo. É o que permite que os alunos de seminário dominicanos possam "enxergar", mesmo quando falta luz elétrica. É isso que lhes permite reconhecer a verdade, quando a encontram pela frente. É isso que os torna tão desejosos de cumprir missão e ajudar seus amigos. Essa luz alimenta o fogo que ajuda a forjar uma República de Fé. □

E estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco, os quais lhe disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.

(Atos 1:10-11)

